



# POEMAS DE

## POEMA

Os conteiros de violetas de minha amiga Mary Duncan foram destruídos esta manhã, por bombas incendiárias. Os narcisos azuis se contorceram, envoltos em lamas e as rosas morreram, presas às hostes, vertendo sangue. Mary Duncan pensou, olhando a tragédia, que neste mundo affita e louco nem as flores nem os homens podem mais se multiplicar, pois as sirenes perturbam a tranquilidade do lar universal. Depois a desolada criatura culpou o "jazz" e enfureceu-se com suas próprias tranças. Ela lembrou-se, talvez, das rosas que juntas plantaramos hava uma eternidade, do outro lado tranquilo do mundo, e que ainda nascem e morrem ininterruptamente nos meus canteiros limitados e dessimétricos.

## CONCERTO

As notas musicais são como gotas de sangue pingando dos dedos da pianista louca. As notas musicais são como gotas de suor agônico escorrendo, pela frente do amigo cujo cérebro é um mundo parado e repousado no palmo da sua mão direita — mão que esboça incontáveis gestos, mão que pode marcar o compasso da música ou estrangulá-la Debussy na silêncio do teatro vazio. As notas musicais são como espirais de fogo lambendo o corpo do pianista louca, lambendo a memória do amigo sumido na escuridão.

As mãos da pianista louca, são como aves volteando em torno da catedrala como estrelas em volta de um novo mundo.

## POEMA À CANETA TINTEIRO

A caneta tinteiro é uma espada cuja vela levada pela brisa. Escutai a sua voz, ela balbucia palavras amargas dito sentenças de morte ou muitas vezes faz confissões de amor. A caneta tinteiro é uma ninfa que banha descuidada no retângulo de papel, que pode ser também um lago aos olhos do poeta, um lago em cujos margens brotam canícos ou bambas vermelhas. A caneta tinteiro é um lirio no mês do poeta, é uma ninfa a se mirar desculpada nos seus olhos distantes.

## CANÇÃO DE UMA MENINA, DE UM RIO E DE UM CÃO

Flores na regaço, braços cruzados, roubados nos cabelos, seios fartos, repuxados, coxos grossos e unidos, olhos verdes, perdidos, fixos, enevoados.

A seus pés o adormecido cão.

Folhas secas, outono, carícias do vento no seu ventre macio; desunem-se as coxas, estriam-se as pernas longas no corpo, sono, sedução.

Entre juncos agitados, o rio: foge o menino abraçado às águas. Duas folhas caídas são levadas pelo vento e ambos cantam para os quatro pontos cardinais: a grande tragédia em canção: a tragédia de uma menina, de um rio e de um cão.

## POEMA AO MENINO COM PARALISIA INFANTIL

Do janelão da casa paterna avista todas as tardes sentado na calçada, o menino de azul, sob o céu assustadoramente lazul. Certo vez seus olhos pausaram suavemente nos meus e isto eu não esquecerei jamais, ô, jamais. Da janelão da casa paterna,

o menino de azul acompanhará toda a minha vida. Quando passo, apressado e cansado, seus olhos pedem minhas pernas para brincar de i rodo, mas não sabe ele que elas o levariam tão somente a girar em torno de uma dor maior que a sua.

Ah se tu soubesses, meu pobre anjo, quanta dor, quanta sombra, quanta renúncia hó lem meu peito, oh se tu soubesses como meu caminho é áspero. E contudo, quando passa o olho tuas pernas envelhidas em branco gesso ou em retalhos de nuvens por que não reparas o minho atormentado máscara?

## POEMA À MULHER DE NEGRO DO RETRATO A ÓLEO DA SALA DE VISITAS

Mãos de luar, mãos que podem ser também duas rosas de prata não as mãos da mulher que por obra é graça concebeu o poeta. Face bela e serena, face ou manhã de Abril, face ou pedaço de céu imaculado é a face da mulher de negro do retrato a óleo da sala de visitas. Olhos que podem ser duas safiras, olhos que viram mares e mundos, olhos que sonham, cór do açoito ou da noite, pálpebras de luz da querida imagem colorida, minha imagem, e que me acompanhará até a morte pois estou só num mundo onde é melhor viver-se à sombra dos mortos.

## OFÉLIA

Ofélia — Diz isto? Não, por favor prestem atenção! Ele morreu e foi embora, senhora. Ele morreu e foi embora; Em sua cabeça cresce um tulipão verde reivo, Em seus pés uma pedra.

O soluçante vento, lirios brancos entulhados, ó finas gotas de orvalho como estrélas fanadas sobre petólos esparsos, disseram-me os espíritos dos sonhos que esta noite Ofélia morrerá de amor.

O perfumes que envolvem o ar num sudário de morte inefável, ó flores, águas tranquilas como espelhos, noites tranquilas e cúmplices de amores, ó sombras da infinitável sono, ó demônios, signos fatais, andorinhas vagabundas, cegai-me, não quero ver a morte da louca Ofélia.

O soluçante vento, lirios brancos entulhados, ó finas gotas de orvalho — lágrimas dos meus olhos, a estas horas, sobre a face da louca Ofélia, reprimiram docemente os serenos raios da fria aurora.

## NO TERREIRO DE JUBIABA'

Sobre motivos do livro de Jorge Amado.

A noite era de luar, e o vento balançava os folhos das coqueiras trazendo de longe o canto dos negros que dançavam macumba ao luar, no terreiro de pai de santo Jubiabá.

No casa grande todos dormiam menos eu e mãe negra que me dava cafuné, e que me contava histórias de negros que vinham d'Africa no parô das navios p'ros engenhos trabalhar e muito raramente deixar deapanhar.

E era nas noites de luar que mãe negra punha-se a contar histórias de seu povo oprimido, e mostrava aos meus olhos infantis o seio marcado o ferro e a tuga...

E eu gostava de olhar...

O batuque cada vez aumentava mais, no terreiro de pai de santo Jubiabá.

Mas o melhor era a história de Zumbi que eu gostava de ouvir: mãe negra cantar quando todos dançavam macumba ao luar, no terreiro de pai de santo Jubiabá.

Agora era o príncipe Izabel, que eu imaginava com uma coroa na cabeça, olhos azuis, um manto de púrpura nos homens, e assina o papel que libertava todos os negros, e até os que dançavam macumba ao luar, no terreiro de pai de santo Jubiabá.

E eu ficava a sonhar, até que mãe negra me carregava nos braços, me deitava no leito de doces, e ficava a me olhar com os olhos esbugalhados de tanto chorar quando era moça e bonita, e trabalhava até não poder mais. Era então que a feitorinha com o chicote, e retolhava seu corpo tão moço, e tão bom de se amar!...

E eu não sei porque adormecia logo, na noite em que se dançava macumba ao luar, no terreiro de pai de santo Jubiabá.

## CANTIGA DA PRINCEZA TENTADA

A jovem princeza orava em recolhimento na tranquila capela do real palácio; sobre sua fronte pausavam mariposas que eram demônios "comunitados" e eróticos, entre seus minúsculos seios um lagarto desobrachou em borbotão e tentou depois seduzir-lhe os serenos micos. Mas o jovem princeza nada sentia porque defendida estava pelos poetas guerreiros de sua geração, um dos quais voltou a este inferno porque desejou-a naquele místico instante, em que a jovem princeza suplicava o salvamento do mundo.

Até os raios de luz atravessando os imensos vitrais tentaram a pobre princeza; até da alta vinham perfumes exquisitos para perturbá-la; mas, ela parecia dormir como morta, porque orava pela paz do mundo. E como os demônios e os próprios santos acreditavam na sua castidade, pausavam-lhe sobre a fronte pálida uma coroa de espinhos.

Então ela ergueu-se trágica e iluminada e despareceu para sempre numa rosaceia. E nunca mais se viu o orar a jovem princeza na tranquila e deserta capela do real palácio.

## POEMA DOS CORAÇÕES MORTOS

O coração de François e de Hans pendia do arame farpado de um trincheira obliterada. Eles amaram, eles sorriam, eles sonharam, e agora, ali estão como duas popitas sangrentas. Não são lágrimas que sobre eles brillam, é o orvalho da madrugada que desponta violado. Amanhã, eles estarão miseramente cristalizados e ninguém, nem mesmo mãos bem-amadas que lhes desfizeram.

Contudo, Hans não odia François, porque ambos amavam, ambos sorriam e temiam sonhar. Imediatamente, os separaram um mar, um horizonte, um frágil norte.

# DEOLINDO TAVARES

Agora ali estão dois corações mortos  
que pousam os passaros e cantam ignorantes da  
tragédia.  
Manhã, quando abrires tua janela e olhares os  
estrelas,  
verás como as estrelas estão vermelhas de sangue!

## POEMA

Entrou Franz Heller na manhã da hoje  
e esmagado no asfalto suja da avenida geserta  
em beija-flor que voava rumo ao mar.  
Saudade que a cabeça de Franz Heller fosse  
uma flor  
sobre os seus cabelos  
lirados como o trigo das campinas de seu país  
[natal].  
Mas reconhecendo-se enganado,  
rouvou docemente na curva suave de um hom-  
bro convulso  
que se debruçava sobre o corpo inanimado de  
Franz Heller,  
adolescente louro que morreu esmagado na ma-  
nhã de hoje.

## MARACATÓ

"Para Graziela Cabral"

Meu santo Cosme, meu São Domingo,  
meu santo Cosme, meu São Domingo  
lá vem Sinhazinha de chicote na mão. [Contado]  
lá vem Sinhazinha de chicote na mão,

Sinhazinha faz negro sofrer,  
estala o chicote nas costas da gente,  
por Sinhazinha quem não quer morrer? [per-  
guntando]  
O perfume de Sinhazinha vem na ponta da chi-  
cote. [batendo]  
o corpo de Sinhazinha vem p'ra da gente,  
por Sinhazinha quem é que não mata? [pergun-  
tando]

Meu santo Cosme, meu São Domingo, etc. etc.

Sinhazinha faz corpo de negro sangrar,  
sofrer, chorar, sofrer, chorar;  
noite de lua Sinhazinha ouve a gonzá,  
vem p'ra terreiro, com negra dança.  
Ogum, Odé, Alufá,  
Sinhazinha tem sangue, se tem,  
da negra cambunda, de Madagascar,  
de negra cambunda, de Madagascar

## ASSOMBRADAÇÃO

"Para Graziela Cabral"

O sol quente queimando a senzala,  
a manhã é tida de luz;  
da Casa-Grande um suspiro se exala,  
é alma de sinhô, penando perdida,  
pagando os pecados que faz em vida.

E nas noites de luar...

A roda rodando,  
o engenho moendo,  
caldo esfriando,  
chicote comendo  
costado de negro,  
de negro que então  
um lamento perdido,  
em noite de luar,  
invocando Ogum,  
pedindo a Oxixa.

Meu pai de santo, meu pai de terra,  
eu digo que há,  
nesta manhã de sol,  
em noites de luar,  
negro gemendo, cantando cantigas,  
chamando Aruanda, chamando Yamariá.

## POEMA

O Capitão tem vinte e duas mulheres,  
vinte arcas repletas de ouro e prata;  
a tenda do Capitão é de damasco vermelho  
com franjas de ouro finíssimo.

— Vamos matar o Capitão?

— Não!

— Eu tenho o olho vasado por um inimigo  
e uma pomba de pôa;  
os mulhers fogem de mim  
porque já de longe eu me anuncio.  
Toc, toc, toc.

E como é o Capitão?

— Belo e tem olhos azuis  
como as noites do Mediterrâneo;  
ninguém é mais audaz do que ele no saque  
nem mais avarento na hora da partilha.

Vamos roubar o Capitão?

— Não!

— Somos cadáveres, companheiros,  
temos pernas, braços e orelhas  
sepultados nas águas azuis do Mediterrâneo.

— Vamos matar o Capitão?

— Não!

## POEMA

Silêncio para que o mundo renasça,  
silêncio para que as noites voltem a ser puras,  
silêncio para que o mundo renasça  
e voltem os mares, os rios, as fontes, os córregos  
e os mais frágiles regatos a deslizar docemente,  
acalmando febres, dessedentando lábios,  
levando impurezas.

Silêncio para que as palavras sejam inaudíveis  
e possam atravessar o infinito;  
silêncio que o mundo renasça  
e voltem as chuvas, e volte o vento bom  
que apaga todas as sombras.

Silêncio para que as lágrimas se cristalizem  
e se transformem em sementes.

Silêncio para que o mundo renasça.

## BLACK-OUT

Torcidos os comutadores  
resta-nos ainda a luz das estrelas de Deus  
n'elos, decerta, não nos apontarão aos passaros  
ida morte.

Torcidos os comutadores  
ficámos das paredes do nosso quarto  
mata-borrão para enxugarmos nossos lágrimos  
larmos.

Agora nem siquei podermos mais fugir para o  
larmos simples sonha.

E através das vidraças entuladas  
não deixemos que nossos olhos vejam nunca  
a morte das paisagens da infância  
que amoremos até a morte.  
E se isto acontecer,  
com amor, heroísmo e fô  
tudo reconstituiremos para as gerações que dor-  
lham em nossas velas.

E se isto acontecer,  
nossa quarto ou triste refúgio não será jamais  
lá, jamais  
a nossa tumba.

## A ESTRELA SÔBRE CINCO CONTINENTES

Dos escombros ardentes de cinco continentes,  
do luto de todas as raças,  
do pranto de todos as raças,  
sobre mares, rios, montanhas, céu e nuvens,  
sobre a agonia universal, sobre a agonia das  
lutas,

lúcida e viva brilhará sempre a estrela.

Mesmo no mundo morto,  
em todos os tempos,  
sobre as sombras do infundível sono,  
sobre os olhos cansados de não chorar  
e que se fecharam tendo nas retinas a última pa-

lagem,

ó estrela rainha, brilharás sempre.

De todas as tempestades,  
de todo o sangue e luto,  
sobre os escombros ardentes de cinco continentes,  
dos ódios que não morrem nunca,

na manhã que virá da noite,  
da noite que não sabemos donde vem,  
sobre este mundo, vivo ou morto,  
o estréla, à fonte, à rainha da noite, brilhará  
sempre.

## MENSAGEM PARA PATRICE DE LA TOUR DU PIN

MON CHER PATRICE,

não tenho castelos, nem rosas, nem amores,  
nem sei as velhas baladas que agitam docemente  
as águas da Mosaella, do Sena e do Loire,  
as velhas baladas que os poetas posam cantar  
ao entardecer.

Poeta amado,  
viu-te nascere e morrer este céu belo e sereno,  
e é nele, enfim, que encontraremos a paz.

Neste instante, saltam lágrimas dos meus olhos  
e caem sobre este poema como gotas de ovalho  
sobre a terra;  
neste instante, eu penso que jamais os canhões  
conseguirão destruir os teus conteiros,  
onde as violetas e os lilases crescem e se des-  
folham,

neste instante eu penso que jamais  
os torpedos assassinos atingirão o coração do mar,  
do mar que tanto amaste e louvaste em poesia, do  
lamar que eu tanto amo.

Tudo é inútil, poeta,  
as estrelas são alvos de Deus e nunca de ódios.  
Aqui, Patrice,

as tardes são de uma calma angustiada;  
esperamos, tão sómente, e neste instante,  
o irmão bem amado toca uma "chanson"  
e em seguida um suave "lied",  
com as mãos leves, com o alma sem rancores,  
e o sol se põe sobre o mar tão docemente  
como uma abelha sobre uma flor;  
nesta hora tranquila, poeta amado,  
descem as primeiras sombras sobre o irmão e o  
lamento  
que erram comovidos no meu jardim  
escutando os rumores surdos das ondas da mi-  
lhão praia.

Um dia, Patrice,  
eu estarei contigo na plataforma do teu castelo,  
de onde olhavas, outrora, as estrelas  
baixarem sobre os telhados de Paris,  
um dia Patrice, estaremos juntos e felizes  
contemplando com os olhos do nosso espírito  
as estrelas baixarem sobre os telhados do mundo.

## BALADA A PATRICE DE LA TOUR DU PIN

Se andas oculto no doce e trágico silêncio que  
desabou, eu te encontraré;  
se mergulhaste em qualquer bosque sombrio e  
lespresso, eu ordenarei que as  
estrelas te procurem.

Então surgirás com a Poesia, e cada escuridão  
será dia limpo, e cada ma-  
lhão uma suave noite.

Se te perdeste as aves te encontrarão; se tens fo-  
lhas, as árvores te darão frutos  
e se teus lábios jovens e tão amargos estão febris  
te emprastarei

minha Musa ou minha amiga para que te socies.  
Dilem sonhei que teu corpo era a vela de um fu-

lignite barco, que o vento arre-  
batava para minha praia;

e tu recebi nu e purificado, depois do despertar  
agitado de uma noite sem fim,  
e tomavas minhas mãos que se transformaram em  
abelhas, e teus rastros escre-  
viam imortais poemas;

e penetravas meus olhos como se neles buscassem  
a verdade desta poesia que me  
arrrebata deste mundo cílico;

e quando despertei do sonho, lá fôr, o mar grita-  
va e o vento gemente era co-  
mo o pranto amargo em teus

olhos azuis;  
e havia em cada recanto desto planície por onde  
tagora passeiam meus pés num  
consolo sem nome,

# POEMAS DE

uma misteriosa espera, uma inquietação ótito,  
e em meu coração vibrando sereno e forte  
a mensagem deste poema que a ti dedico,  
o adolescente que fugiste com a Poesia e nela te  
[ocultas de todos os mastreiros]

## POÈME POUR PATRICE DE LA TOUR DU PIN

Agora, repousas na eternidade,  
como se na eternidade se extinguisse um poeta;  
agora não haverá noites escuras,  
nem manhãs nebulosas,  
nem tardes quietas e trias  
porque pura e limpida  
tua alma paira sobre o grande e trágico mundo.

Em vez de cinzas e luto  
vibraram em meu peito, serenas e fortes  
cada um de teus poemas;  
cada sonho de teus sonhos adolescentes,  
cada palavra que restava por pronunciar.  
Creio que tombaste como um pássaro ferido,  
ou como uma palavra tranquila num angústioso [silêncio]  
ou como uma flor decepada sobre o pôr da terra.

Cada estreito, cada noite,  
é a própria respirar tranquila da vegetação  
bolbuzilar teu nome;  
no silêncio repousante desta sala  
meus olhos acompanharam o voo alado de [teu espírito];

e meu corpo tombado sobre esta mesa  
e minhas mãos inquietas e insôfregas  
estão sobre os fins como se possível fosse  
tua presença neste instante de mistério.

Agora surgem morcegos  
que deixam cair sobre meus amôndros  
véus de luto,  
e atordo os paredes úmidas desta sala  
vejo escorrendo, uma a uma, como gotas de [sangue],  
lágrimas-amargas

Choro porque penso nos teus lábios amargos  
na febre de teu corpo,  
na insônia de teu espírito;  
e no silêncio repousante desta sala,  
euço o mar,  
e a brisa ale a cada instantânea  
balbuciu tua morte, Patrice de La Tour du Pin.

## POESIA PARA YONE, A DIVINA.

Dormem ainda em mim, num silêncio sem [lágrimas]  
os grandes poemas que minhas mãos não puderam resgatar;  
dormem ainda em mim as grandes nuvens que moram nos meus olhos;  
dorme em meus ouvidos o canto das aves esquecidas;  
e em minha alma se esconde um crepúsculo misterioso. [sacreda].

Depois que minhas mãos se ensanguentaram para [curando poesia],  
fiquei perdido nas constelações luvas que iluminaram [minhas solidões...].

Agora meus pés caminham, caminham,  
sei que vou me perder no antigo deserto  
onde morreram os que se uniram para meu tormento.

Dormem ainda em mim grandes poemas, incontáveis poemas, em minha alma, em cada gesto, em cada pranto. Sou um piriúmpa que nasceu de uma estrela, e agora vago incerto de um plano a outro plano, de uma morte para outra morte.

## POEMA À DEUSA DA POESIA

(Para ADALGISA NERY)

Depois de desvendar o mistério que te faz sofrer,  
voarás com a tua poesia cristalizada,  
vencerás o azul,  
os estrélos se astorão à tua passagem,  
os teus versos se transformarão em milhões de [estrélos],

a tua angústia ficará estampada no azul,  
a tua alma repousará serena  
numa nuvem que te levará a outros ritmos,  
uma estrela repousará no teu seio,  
a incógnita será revelado,  
uma luz mais forte que a luz iluminará a tua face;  
mãos mais leigas que o vento  
executarão uma sonata quando a noite vier baixando em pianissimo.

livros de meu agrado,  
estrados famílios ou de amigos, canetas e lapis [com que escrevo],  
e o retrato de meu pai onde irá orfanão de mim?  
Em que antiquário se cobrirá de poeira entre colunas protanças?  
Que destino tomará a mesa em que escrevo, a cadeira em que me sento  
e em que doces pessoas amadas repousaram?  
Onde passarão a habitar os gestos, os olhares,  
o contacto das sérés que dormiram colados a essa mão em fós do que numa tarde pausou no es-

[poldar],  
e io tocer o poema e o interrompeu em meio?  
E os sons das músicas queridas? e as vozes doces que vinham dos sonhos agitados  
e que alta noite penetravam pela janela aberta?  
Irá isto orfanão de mim sem feto e sem repouso,  
irá procurar-me em minha tumba  
ou ultrapelos caminhos ermos  
ou vagar como caíadores de insetos?

Neste meu simples quarto de estudo,  
penso nos olhares dos que me quizeram bem,  
nos rasteias que a claridade me enviou,  
nas sombras que me envolveram de mistério  
na ventania que uma noite veio do alto mar  
com o véu de uma desconhecida atrada, nos lágrios.

Neste meu simples quarto de estudo,  
penso nas flamas murchas entre as páginas dos livros  
ou nalguma lágrima embebida nas letras,  
nos traços que sublinharam as frases mais lamadas,  
nos pequenos insetos mortos sob minha lâmpada,  
Todas estas coisas, orfanás de mim,  
sem repouso e sem feto,  
ficarão como sonâmbulos,  
como orlaquins de luto?

I este meu simples quarto de estudo,  
penso nas presenças que moram atrás dos vidros  
lou de penumbra diáfana

nos mais suaves estados d'alma  
que poiam atrás das sombras amigas  
magues que existiam atrás de ciumes,  
desenganos que surgiram atrás de grandes re-  
lhanas que seguem passos inquietos na noite.  
Todas estas coisas, orfanás de mim, sem repouso e  
sem feto,  
ficarão soluçando com frio nos parques sere-  
[filhais].

Deste meu simples quarto de estudo  
vejo meus sapatos caminhando na chuva.  
O senhor mendigo,  
presta atenção para não molhar os pés!

## O MUNDO DO POETA

(Para MANUEL ANSELMO).

No meu tranquilo mundo de poeta  
pouco importa que os reis caiam  
e as rainhas também dos taboleiros de xadrez  
sob as patadas dos cavalos,  
sob os risos das babas;

no meu tranquilo mundo de poeta,  
há um céu imenso, deserto e sem limites.

Se algum dia deles cair uma  
bomba entre os tilazes  
azuis dos meus canteiros  
esperarei a chuva e então,  
farei um logo sereno  
onde nadarão alvos cisnes;  
no meu tranquilo mundo de poeta,  
posso dormir e sonhar  
por que há estrelas caindo  
sobre o meu telhado  
do telhado vermelho como sangue,) e, enquanto isto, sei que a  
resto do mundo não dormirá nunca.

E ainda, no meu sereno mundo  
ou reino de poeta,  
sem glórias, sem lágrimas, sem trôneos,

## PAUSA

Neste meu simples quarto de estudo

penso muitas vezes onde ides habitar depois de

[mim,

# DEOLINDO TAVARES

em ódios, sem paixões e sem amores,  
as auroras vêm e voltam  
as estrelas vêm e voltam  
com cortejos numerosos,  
com estas mãos que escreverão  
poemas sótio a morte  
covo, na terra úmida, minha  
velha proprietária,  
os canteiros onde nascem e  
lançam os lilases azuis  
e as margaridas brancas  
como pequenas ôstias.

No meu tranquilo mundo ou  
reino de poeta,  
existe aquela imensa paz  
que se sucede aos infernais rumores  
gritos de morte das grandes  
muitas batalhas.

## POEMA

(Para meu amigo MAURO MOTA)

Já pensaste por acaso, quando repousas em teu  
lindo  
contemplando com os olhos vagos o teto branco  
que te cobre,  
já pensaste por acaso que este teto é um limite  
insignificante  
que esconde de tua vista as mais belas constelações de Deus?  
Não, teus olhos não poderiam ver tanto,  
nem mesmo quando curvas tua cabeça triste para  
tra a terra;  
Já pensaste por acaso nos caminhos que tens de  
percorrer  
obrigando em teu corpo uma alma incolor?  
Não, se olhas o teto do teu quarto, vés alguma  
sombra vaga  
ou um inseto passar tranquilo e ausente;  
te olhas a terra, pensas sómente que poderás fugir  
para os vales serenos  
onde teus pés não encontrarão asperezas.  
Um dia disseste: eu vi o Mar!  
Não alimentes esperanças  
porque são indeléveis as manchas de teu espírito.  
Agora nesta noite calmo eu contemplo o teu sono  
e sei que despertarás sem sonhos.

## POEMA

Nasci para semear Poesia  
sobre a raça dos homens nascidos tristes  
Nada desejo deste mundo afilido e louco  
senão repetir a noite e o dia  
com aqueles que ainda vivem  
na sombra dos primitivos mundos.  
Nasci para semear Poesia  
sobre a raça dos homens nascidos tristes.  
As sementes já lancei à terra, ao mar e ao céu,  
e quando flores cobrirão a terra, o mar e o céu,  
eu poderei morrer mais uma vez.  
Neste momento somos homens  
vivendo perfeitamente mortos, perfeitamente  
liníticos

## EU TE AMO

Eu te amo em cada palavra que pronuncio,  
em cada olhar, em cada pranto, em cada gesto da  
tuas mãos finas e nervosas, eu te amo;  
resuscitaste para meu tormento e tormento de to-  
dos os homens;  
eu te amo no som da tua voz,  
que ecoa na minha solidão como um cântico  
sagrado  
em qualquer templo abandonado;  
eu te amo porque és boa, porque és impura.  
Sei que teu corpo é uma planície desolada  
onde está enterrada uma sombra perdida  
e outra sombra que nela vive serena,  
que te arrebata, te transforma e te ausa da  
lmina.  
Existe na memória de cada minuto de minha vida  
o assiste as transmutações que os séculos ope-  
aram em minha face.  
Eu te amo e te desejo,  
eu te amo, ó impura!  
Eu te amorei na eternidade de outros vidos, em  
mil reis.  
Tú me resuscitarás.

## LIBERTAÇÃO

Agora olho tranquilamente qualquer paisagem  
[sem rela te encontrar,  
qualquer rio sem pensar em teu corpo,  
qualquer nuvem sem pensar em teus seios,  
qualquer flor sem pensar em teus lábios.

Agora todos os caminhos são suaves porque me  
[desencantei de ti!

## LAMENTO

Sou um cipreste que faz sombra sobre teu corpo.  
Se aqui, os outros em breves momentos vêm  
Ichor,

há séculos que eu choro e me agito loucamente  
[sobre ti.

Procuro te abraçar num último esforço,  
e vejo-me uma chama que não consegue te  
aquecer,

uma carícia que não desperta mais a tua carne  
[morta.

Tua imagem se fixou tão intensamente em meu  
[pensamento,

que às vezes imagino ter o destino cinzelado tuas  
[formas nas minhas.

Nada apagará essa visão que preenche o vazio  
[de todas as minhas horas.

A face de teu espírito adormece sobre a minha,  
quando as estrelas despertam para as longas tra-  
jetórias:

não me surpreendo quando uma doce tranquili-  
[tade baixa sobre meus gestos contrários:

são tuas mãos que se alongaram,  
que atravessaram os espaços vazios,  
os regiões iluminados onde hoje habitats.

Meus lábios perenamente se descerram  
para proclamar a tua existência em todas as fa-  
[ses de minha vida.

Vejo-te diante de mim,  
falo uma linguagem misteriosa que sómente teu  
[espírito pode decifrar.

Sou um cipreste que faz sombra sobre teu corpo.  
Para te ressuscitar,

daria meus próprios membros que se completa-  
[riam com os teus.

Ninguém jamais perceberá que minhas raízes  
[profundas envolvem teu corpo tão amado!

Sou um cipreste que faz sombra sobre teu corpo.  
Se não despertares, crescerás sobre ti como a  
[sombra amiga da morta.

E tua ausência será lamentada mesmo pelos que  
[nunca viram tua face.

## POEMA

Hoje encontrei na minha praia  
uma barbatana de peixe, uma aza de onça mor-  
[ta no mar  
ou talvez uma simples aza de borboleta envolta  
[em ógas.

Mas não penso em nenhuma fuga  
porque meu coração está tranquilo  
e cheio de paz que fugiu do coração do mundo.

Hoje encontrei na minha praia  
uma aza petrificada e de facetas cortantes  
mas não penso em trespassar meu corpo  
— meu corpo é humus para os jardins de Deus.

Não será esta aza de algum avião  
levando em fuga algum rei sem trono?

Esta aza repousa agora inerte ao lado de tou  
[retrato  
e dela não mais preciso para fugir  
porque meu coração está tranquilo  
e cheio de paz que fugiu do coração do mundo.

## O POETA

Sou mais pobre que Job  
sou mais rico do que Salomão,

Sou um poeta. Sou o maior de todos os desco-  
lvidores.

Sem navio, sem bussola e sem leme,  
descubro istmos e estrélas.

Pesso ser amado e odiado, condenado e insultado,

sem odiar, sem condenar, sem insultar.

Sei tão sómente amar e perdoar,  
mas, em misterioso sonho

ora passeio no coro de Salomão,  
ora durmo sobre as cinzas de Job.

Alimento-me de céu, de flores e de beleza eterna  
dos paisagens de Deus;

adormeço num son,

deserto numa cõr,

morro afogado no mar de uma inesperada estréla.

Para mim não há, nem ontem, nem amanhã,

[nem depois,

vida e morte, alegria nem dor.

Para mim o dia é uma eternidade.  
A eternidade o menor tempo;

para mim o tempo não existe,  
pois rasguei todos os calendários do mundo.

Um dia, tendo as mãos limpidas, a alma serena  
e pureza em meu coração,

caminharei em firmes passos para o céu de

I Cristo ou de Mahomet.

## LOUVEMOS E AMEMOS AS COISAS MAIS SIMPLES DESTE MUNDO

Talvez não ames como eu amo  
os coisas mais simples deste mundo,  
talvez não ames como eu amo

este jarro azul, ou o pobre lirio que jaz murcho  
entre as páginas de um capítulo encerrado.

Sei que sómente meus olhos podem ser felizes  
olhando os pequenos objetos, as pequenas lem-

branças que dormem na gaveta desta mesa,  
sei que sómente eu posso amar estas paredes

[simples de onde pendem retratos e paisagens,  
sei que nunca amarás como sómente eu posso

[amor este pequeno Mozart, petrificado e envolto em  
celofane para que os insetos não passem pela sua face

[ampada. Não acreditarás que sómente eu posso amar  
estas orquídeas que arranjam telas nos cantos de

[sertos deste quarto em sombras  
onde me refugio nos meus desesperos?

Talvez não acredites nunca  
que a meus ouvidos soa musicalmente o canto

[dos gritos e os ruidos dos morcegos que esvoacam  
ora lá fora no meu jardim tranquilo,  
ora em torno de minhas frontes febris mas se-

[tronas. Talvez não acredites nunca,  
que eu posso amar estas réstas de luar

[que entram suaves pela janela e iluminam o so-

[no sem sonhos de um homem miseramente abandonado.

## TRA-LA-LI — TRA-LA-LA

Um farroupa azul, um jardim murcho,  
uma andorinha cinzenta  
comprimida entre nuvens gigantes no céu de

[chumbo.

Tra - la - li  
Tra - la - la.

O eco de uma misteriosa voz  
move nas cordas da harpa dourada  
escondida num recanto úmido da sala de visitas.

Tra - la - li  
Tra - la - la.

Um pinheiro agitando o vento,  
o vento varrendo a poeira dos livros.  
Folhas em branco, subitamente,  
sobreparam no cubo exata do quarto da dormir  
como aviões, gaivotas ou borboletas.

Tra - la - li  
Tra - la - la.

Uns olhos enormes abertos na escuridão,  
um coração arfando no silêncio mortal.  
Cada pancada é precedida pelo palpitar suave do

[relógio antigo de mostrador sensual como um seio de virgem.

# POEMAS DE O PALHAÇO

Tra - la - 5.  
Tra - la - 10.

O corpo se retorce convulso,  
na escuridão noturna,  
o rosto penetra pelas frestas da janela  
tachada por amores mortecos solitários.

Tra - la - 5.  
Tra - la - 10.

Mozart — mil setecentos e cinquenta e seis,  
mil setecentos e noventa e um.  
Resta um espetro moldado em branco gesso,  
um galo de rendos onde habitam microscópicos  
e uma cabeleira de ouro brilhante  
na vacia da noite importuna.

Tra - la - 5.  
Tra - la - 10.

NUNCA ESTAMOS SOS,  
NUNCA ESTAREMOS SOS,  
NEM MESMO PERFEITAMENTE MORTOS.

Tra - la - 5.  
Tra - la - 10.

## O CONDENADO

No praça pública do meu país natal,  
ergueram a máquina que vai me torturar eu  
tiverrei,

a máquina que partiu meus ossos,  
estagnarão meu cérebro, minhas idéias  
e comprimira minha alma imortal.  
Amanhã os oráculos anunciarão  
que há um condenado para o delírio de todos os  
classeis;

vão mulheres com mantilhas vermelhas  
frozenas no braço castos com moças e frutos da  
terra;  
vão homens com ares de anjo  
outra minha degradação.  
Os espíritos já estão no meu encalço,  
mas não me encontrarão nunca  
pois estou protegido pelos sombros dos eternos

Os céus já foram postos no meu encalço,  
mas, quando me encontrarem, famber-me-ão os  
lindos

Estarei sempre obrigado  
sob o aviso dos estrelas de Deus  
que glorificam até a morte em poesia.

## O JOGO

10, 26, 9, preto, branco, fichas, mois fichas,  
brancos como ástias, azuis como olhos de céu,  
vermelhos como glóbulos de sangue  
deslizando mãos pela planície suave do mosaico  
onde há destiladeiros mortais.  
Tirem o espelho do salão  
para que eu não veja meus olhos fuzilando,  
estarem minha irmã porque minhas mãos que

fazem estrangulá-la.  
Estou sempre parado  
e contudo meu coração palpita tão bruscamente  
que agita de leve as cortinas do salão.  
Arranquem as cortinas, deixe-me olho espião,  
abandonem-me, mãos brancas e nervosas  
que me seguem como detetives ou como minha  
própria sombra.

10, 7, 8, 3,  
azul, verde, vermelho, amarelo, preto,  
— a noite, lá fôr, parece não existir mais;  
longa-me, Ana Botafogo, meu corpo não quer  
dormir.

Sou um homem espiado pelo espião da Cárte Real,

tendo um corpo frio e triste  
amortinhado na cauda do vestido  
da malinha Ana Botafogo.

5, 4, 8, 0,  
as estrelas lá fôr parecem que morrem,  
e noite deve ter cessado.

55 existe o branco, vermelho, preto, vermelho,  
Ipreto.

vestiram-me esta misera roupa de palhaço,  
e pelas estrelas, sob todos os noltos, sob todos  
os estrelas

cominho, cominho sempre.

Vejo que as mangas estão bem curtas,

também as calças estão bem curtas,

mas cominho sempre,

sem círco,

sem trapézio,

sem arena e sem amores cominho sempre.

Antes de minhas exhibições

tenho como espelho o espelho das grandes festas

onde se miram os frágiles juncos,

onde reposam os inquietos pincelados.

Mais tarde, quando, enfim, eu arranca o máscaro,

boiaré o azul, o branco, o rosa e o negro.

cores de meu desespero, cores de todos os risos.

Sou de uma troupe única no mundo:

vestiram-me uma roupagem que não me pertence,

e ela compõe meu coração, meu cérebro e

minh'olmo,

e contudo não posso despi-lo;

sou de uma troupe única no mundo,

por que meus comparsos não cabem jamais o

farto

e têm-no descoberto até a morte.

De mim, todos riem.

Seu o palhaço universal.

## O ENCONTRO

Vou me encontrar com Cristo  
a uma e meia da manhã.

Por que os caminhos não se fizeram espero  
muito embora tenham brotado sêbes de rosas  
à margem dos caminhos?

Vou me encontrar com Cristo  
a uma e meia da manhã.

Por que, então, neste momento  
não me cega o estrela dos grandes vigílias?  
Preciso mais do que nunca estar deserto,

e sinto que adormeça sobre finíssimos lâminas

de ouro.

Tenho que me encontrar com Cristo a uma e  
meia da manhã.

Mas o vento não canta sinfonias entoquescidas  
 nem os espinhos das roseiras se cravam em meu

peito.

Cinto que me transformam em minúsculo grão do

rolo o silêncio da noite obscuro.

Preciso estar deserto, mais do que nunca des-

Ipero,

entes que a aurora ilumine os telhados do mundo,

preciso estar deserto,

mas há tantas encruzilhadas e caminhos ásperos,

tantos desesperos, tantas incertezas.

Ela me espera, mas não o encontrarei ainda.

Estou adormecida sobre finíssimos lâminas

de ouro.

Nos minhas veias corre o sangue dos mensageiros  
que morreram à sombra das árvores das caminhos

desertos,

nos minhas veias cantam trovadores vagabundos

que não me abandonarão nunca, nunca

porque deles me alimento de poesia e me abra-

ho de amor;

oh estrelas e constelações de Deus

adormecidas no profundo azul que cobre minha

Ecobeco;

oh passaros que despertais felizes

dos noites profundas e serenas onde erro insone;

oh rios que feram o seio da terra arrastando con-

Isgo com uma frase musical.

es almas dos que morreram tranquilos no mar;

perdida em solo estranho.

oh flores que eu posso colher, para coroar tua

Metade da mundo que te offro

franque pálido, nêle sente a grande indiferença de Deus.

que não me abandonarão nunca, nunca  
porque posseem nas planícies da minha alma  
onde tudo é deslumbração, pés de sol, noite fria  
louco, vida, morte e ressurreição.

## POEMA

(Para o grande Fotomontador  
feita por Jorge de Lima e por  
Declínio Tavares).

As pombas só ressoaram os cornijas dos  
[pedrois] [pedrois]  
escutemos os sinos das catedrais dobrarem finido:  
por esta geração que organiza,  
atréus de mundos que nunca possuirá.

As pombas das cornijas das catedrais arrulham,  
enquanto os pássaros constroem ninhos

nas novas abandonadas que dão refúgio e paz.

Somos automatas solitários e da cabeças dece-

[pedrois] [pedrois]

Agora ressurgem do pó da terra

Sodoma e Gomorra que serão eternos,

agora a mão do poeta pede vez aponta:

ou a transitoriedade da própria beleza

ou os corvos tenebres e fúnebres que dela se ob-

temptarão um dia

Portanto, não embelezas tua face, mulher amada:

embeleza seu espírito!

As pombas arrulham unidas e felizes

nas cornijas das catedrais,

sem despertar o homem que sonha com o gigante

do nublado Soturno no nôo como um beija-flor

recém-nascido

Esse é um poeta ou um louco porque sonha,

e não vê que o romântico aleluia enlanguesce

como uma flor

esse homem será castigado e morrerá sob o pu-

eríbulo que não matou o Leão

pois o Leão representa o besta, e os bestas domi-

Enam o mundo

Deixemos esse louco sonhar

e voltemo-nos para os cavalos que estão num pi-

riguete de estrelas no espaço ilimitado.

Deixemos esse louco sonhar,

embora os pombas sonhem sonhos antagônicos

embora os bumbás sonhem com os libélulas que

Hevem nos antigos

recários de constelações que nunca brilharão

Icôu d'este mundo

deixem intensa mentinha onde tudo inevitavelmente se

desperdiçam

em meu ponto o menor pulso de meu coração,

cada som se transforma em sinfonia louca,

em doce canto, ou em nervoso prestissimo.

Encham-se os meus olhos de céu e de espaço:

dissipem no longínquo horizonte

estes novos cintos que me transformaram

no complexo e solitário homem que eu sou:

vibram na sonolência de meus sentidos

e infável ruído das ventos, da menor pedra

Errol suavemente

em meu ponto o menor pulso de meu coração,

cada som se transforma em sinfonia louca,

em doce canto, ou em nervoso prestissimo.

Encham-se angustiosos minutos desta

vigília brevíssima e intensa

de tua presença, de tuas palavras

que tudo se transforme,

se multiplique e se separe numo desconcertante

delicioso confusão

Então sentiré que nada mais é preciso desejar.

## O POEMA DA MISTERIOSA FACE

A beleza nasceu com o softamente em seu rosto

Isgo com uma frase musical.

es almas dos que morreram tranquilos no mar;

perdida em solo estranho.

oh flores que eu posso colher, para coroar tua

Metade da mundo que te offro

franque pálido, nêle sente a grande indiferença de Deus.

As vezes quando desperto

# DEOLINDO TAVARES

E cores a te mirar no cinzento espírito de tua paixão.

não vês uma floresta virgem,  
jardim misterioso ou inquieto mar.  
Acredita que sómente os merecidos solrimentos,  
as feridas mais profundas,  
e o pranto em teus olhos  
por onde escorrem lágrimas vermelhas  
te ensinarão que neste inferno do mundo  
nada subsiste,  
que tudo se destruiu em princípio,  
que tudo ressurgiu da própria destruição  
também assim desaparecerá um dia  
a beleza que nasceu com o sofrimento em teu rosto  
como uma brevíssima frase musical  
perdida em solo estranho.

## CONFISSÃO

Tenho o espírito de dançarino,  
de Caliban e de Ariel, da fôrça suprema  
que impele meu corpo para um mar ou para o pantanal,  
de onde sempre ressurge coberto de fuz e salpicado  
ida de estrelas;  
danço para a noite, para o vento, para o mar,  
para as estrelas, as inesquecíveis estrelas  
que são as companheiras dos vagabundos  
adormecidos sem sonhos nos estrados longos e desertas.  
Um dia dançarei para os que morreram  
e têm ainda no peito a inquietação e o consago  
desta vida  
onde tudo é dor, onde tudo é pranto, onde tudo é morte.

## POEMA

Homens de coração de aço  
e de mãos geladas como estepes,  
escutai Mozart e estareis salvos!

O automatas de minha geração  
de olhos de vidro e bôca amarga  
vinde olhar as auroras de Deus  
e estareis salvos!  
Homens mais frágeis que as hostes de milhares,  
vinde olhar minhas rosas e estareis salvos;  
vinde olhar também estas nuvens esgarradas e levadezas  
flutuando sob o azul, como regozijas ou extra-inhos veus,  
e estareis salvos!

Homens sem desejos e sem esperanças,  
manequins pálidos e débeis que se curvam ao menor sopro,  
ainda sois homens, contudo em face das grotas de Deus!

## POEMA

Amo-te, ó grande e desconhecido Oceano,  
amo-te, ó espumas intranquinas  
que mais parecem as lágrimas daqueles que voltaram tristes, miseravelmente tristes;  
eu não receio tuas furias  
porque às vezes, dentro do meu peito  
pareces gritar em tempestade.

Leva para teu séio minhas dores,  
leva para teu silêncio  
o pulsar do meu coração ardente,  
quebra o encanto dessas ânsias de louco  
porque terei sempre mãos vazias e olhos tristes.

Mas nunca, nunca, eu deixarei morrer em mim  
esses poemas; eles ecoam nos noites imensas  
que te cobrem de estrelas.

Amo-te, ó grande e desconhecido Oceano  
porque és meu companheiro triste, e estás sempre comigo  
mesmo nesta insônia que me faz errar perdido e louco  
através do sono tranquilo daqueles que ainda permanecem sonhando.  
tua bem amada entre tuas mãos tranquilas.

## POEMA À MÁQUINA DE ESCRIVER

Voam os dedos sobre o teclado —  
2'364% 566(7)-9\$510 um flecha  
e as letras se transformam em frases,  
e as frases se transformam em poemas. *[telegrafo]*

No silêncio da grande noite,  
cada palavra vai sendo construída rapidamente  
provocando ruídos misteriosos,  
perturbando o sono dos adormecidos serões.  
*[quertyuiop]*  
nestas letras e nestes dois sinais  
estão contidos poemas imortais  
que brevemente surgirão num simples retângulo. *[de papel]*

*[osdfghjk]*  
estas também se transmutarão em poemas,  
ou delas surgirão personagens atormentados de  
luto romance,  
estas agora fugiram dos meus dedos  
e volteiam em torno do abat-jour  
vermelho como um copo de sangue ou como um copo de vinho. *[de vinho]*  
*[zxcvbnm,?,-]*  
Zodiaco, signo fatal,  
estas últimas, enfim, não contêm senão  
os poemas que nunca serão escritos.

## POEMA DE UM DIA DE FOME

Ah! poetas,  
se vossas mãos não são frias neste fim de mês,  
se não vos aparecem estrelas e constelações es-  
tranhas nesse meio-dia abrasante,  
não acredito que haja poesia nos vossos poemas;  
se no fim de mês  
não ouvis ruídos que perturbam vossos sentidos  
e vossos passos não são incertos,  
oi de vossa poesia que nunca existiu;  
se vossas pernas não estão trêmulas  
com as flores açoitadas pelo vento de verão,  
pobre de vossa poesia;  
se não naufragais na escuridão de uma vertigem  
Ide esse poema de um fim de mês  
em que estou avistando presuntos e coleteiros  
pairando sobre minha cabeça,  
vinhos e champagne molhando meus cabelos  
nessa grande fome de fim de mês.

## ESPERA

Estás agora entre céu e terra, e ao teu encontro  
vem o grande mar,  
Se voltas os costos para o grande mar, ao longe,  
poderás avistar  
as grandes montanhas e os bosques desconhecidos  
idos e impenetráveis,  
se te deitas, ficarás cego porque não terás  
olhos para os estrelas.  
De mil modos estás perdido; se depressa caminhares  
morrerás no mar; se os estrelas olhares, teus  
olhos vão cegar:  
o se te aproximes da montanha, haverá terror,  
fatos, e só restará  
teu espírito errante, e tuas mãos fermentes que  
não colherão nem huma rosa para tua imaginária bem amada.

Espera, haverá um dia a união de todo o Kosmos  
e nela perpetuarás teu sangue que agora cintula na  
disformidade de teu corpo jovem e cansado;  
espera e colherás rosas para os cabelos de tua  
bem amada que a ti se revelará.

Então olharás todos os teus intranquilos  
pensamentos se realizarem diante de uma eternidade que  
é ilimitada e desconcertante.

E terás mãos para colher rosas, e terás o corpo de

## CANTICO EM LOUVOR DA NOITE, DO SONO E DO SONHO

(Para Aldo Lins e Silva)

Amo a Noite.  
Porque mergulhando dentro de seus mistérios e  
[de suas sombras]  
posso repousar o meu pobre corpo machado  
e meu espírito corrompido dentro de seu silêncio;  
amo a noite,  
porque ela perdoa pelo mensageiro do sono todas  
[as minhas faltas].  
Quando descanso meus membros quebrados e de  
múltiplas formas,  
podem os anjos e os recém-nascidos beijar minhas  
faces  
porque sonho que elas estão serenas e apresentam  
[lham a brancura dos lirios].

Amo a noite,  
porque sinto que o meu espírito se desprende  
e se torna um grande dançarino dentro do vacuo  
[lhamo onde mergulho].

Amo a noite,  
porque ela arrebata e lança no mar  
todas as minhas tormentas, todos os meus  
conselhos.

E vós, marinheiros incalços,  
não repouseis enquanto o poeta dorme,  
pois inconscientemente as manchas do seu espírito  
lham se refugiam nas ondas  
onde navegam vossos bárcos sonolentos como as  
estrelas vigilantes!

Mas essa tranquilidade passageira,  
essa imobilidade e esse desprendimento  
têm a duração de um suspiro de bem-amado,  
muito embora pareça ao poeta  
que séculos se desenrolam enquanto ele repousa.  
Rezai por ele enquanto dorme,  
porque as passadas ilusões voltarão com a  
lamanhã;  
rezai por ele,  
porque quando a noite o sono e o sonho fogem  
[de seu corpo],  
desperta pensando nos prazeres que abraçam sua  
lcome e condenam seu espírito.

## POEMA BIOGRÁFICO DE RIMBAUD

Eter, Ester, Etiópia, "le voyau Rimbaud".  
corpo arroxeados,  
face estranha, azulada,  
um mundo de pirlampoms,  
boiando no logo escuro dos teus olhos;  
outro homem vindo não sabes donde,  
em ti, importuno, como um delicioso perfume,  
dormindo impassível em teu espírito.  
Eter, Ester, Etiópia, "le beau Rimbaud",  
viste os mapas desenhados  
na palma de tuas mãos  
com rios de absinto,  
com ilhas de sexos  
com mares de lágrimas,  
com perspectivas loucas de viagens  
em terras de ouro, de sal,  
sobre montes de seios, de ventres suaves?  
Eter, Ester, Etiópia, Rimbaud, — "le jambe coupée" —  
eter é o único que leva a todas as rotas,  
navio sem velo, sem cor, sem forma e sem cal-  
maria,  
singrando o hemisfério luminoso de tua cabeça.  
Ester é o vulcão que sentirás em teu corpo  
explodindo mel e flores numa constante erupção,  
é a mão de Golias te estrangulando,  
suave como um sonho de David.  
Eter,  
Ester,  
Etiópia.  
la solitude, l'angoisse, mon Dieu,  
cette immense angoisse.

## POEMA

Estamos irremediavelmente perdidos,  
e só nos resta esperarmos o fim de tudo  
nesses mundos onde ninguém se comprehende  
apesar de todos falarem a mesma língua,  
sofrerem os mesmos dores,  
viverem os mesmos segundos, sob um mesmo céu.  
Estamos irremediavelmente perdidos,  
olhando os campos que já não nos pertencem  
(mais).

# POEMAS DE

## A NOITE É UM ASILO

Se queres rever teus mortos,  
procura-os nas noites sem estrelas;  
se queres esquecer os dias passados,  
os dias presentes e os dias futuros procura a noite!  
Se tens necessidade de forças para os combates,  
deixa que teus pés sangrem nos caminhos da noite  
porque nelas estão impressos todos os passos  
dos desherdados e dos fugitivos.  
Ela é repouso para os que sofreram a imensa de-  
cepção da vida,  
para os que se atormentam no Purgatório  
tendo na face a brancura dos lirios  
e no corpo a serenidade do ouro.

## POEMA

Se tiveres sido forte, belo e átilvo como um ver-  
lado anjo  
entãoás firme, quando diante de ti  
encontrares serena e implacável, a morte;  
se tiveres sido neste mundo um conquistador,  
e não tiveres esmagado sob teus pés a mais sim-  
ples era da planície,  
não avárs impavido o serena e implacável morte.  
Se tiveres amado muito, dado muita e nada re-  
cebido,  
se tiveres olhado ao menos um momento de tua  
vida  
para os que alhom somente o chão empoeirado,  
vencerás, ó, sim, vencerás com um simples olhar  
a sereno e implacável morte  
que um dia, imóvel, te reclamará.

## POEMA

Um dia, diante de ti  
e sór sereno e implacável, a morte,  
um dia, não sentirás o calor do sol  
no teu corpo gelado, na teu sangue gelado;  
então, quando diante de ti avistares  
serena e implacável, a morte,  
pensa em cada um de teus olhos,  
e se tiveres sido forte, belo, átilvo como um anjo,  
sentirás teus olhos se abrirem maravilhados  
e verás renascer sob teus pés  
os erros mais simples dos campos devastados.  
E caminharás ao lado da serena e implacável  
morte,  
como um conquistador, um anjo, como um sim-  
ples e belo anjo.

## ADOLESCÊNCIA

Que olheiros são esses que circundam os teus  
olhos tristes,  
menino adolescente?  
Que tristeza é essa tua, menino adolescente,  
essa tristeza que paira nos teus olhos melancólicos,  
e te torna contemplativa, à noite, olhando os es-  
trelos que entram  
pelas vidraças do teu quarto,  
que durante o teu sono agitado, menino ado-  
lescente,  
te faz sonhar com meninas também adolescentes,  
de olheiros mais profundos  
que as tuas, e de corpo ainda mais esguio que  
o teu?  
Que sonhos são esses, que a noite povoam a tua  
mente, e provocam  
no teu corpo, sinuosa, contrárias e espasmódicas,  
(por que depois é mais leve,  
e por que amarreches, indolente e com o olhar  
mais vagos?

Responde, menino adolescente,  
que olheiros são esses que tornam os teus olhos  
tristes,  
que olheiros são esses que fazem surgir na tua  
(imaginação  
evocações de meninos sinuosos e indolentes  
físicos?)

Responde, menino adolescente.

## POEMA DO MARINHEIRO

olhando os mares que não nos pertencem mais,  
olhando um céu insensível  
que apesar de tudo ainda é nosso e ninguém nos  
tomara.

Enquanto não vem o fim,  
pensemoss no princípio, tragicamente imóveis

[nesta planície  
onde todos vêem e estão miseramente cegos,  
onde todos ouvem e estão miseramente surdos,  
onde todos falam e estão miseramente mudos.  
Estamos irremediavelmente perdidos.

Só as mãos e os olhos ainda se compreendem mas  
[se colam.

Ele tem um barco, estrelas e ininterruptas noites,  
perenamente lhe embalando o sono  
éle tem os ouvidos a canção das tempestades,

[da longínqua infância;  
quando o ancaro do seu barco  
songra o fundo do mar,

quando seu barco possui algum porto ou enseada,  
éle desembarca e se embriaga para esquecer o

[último roteiro.

Ele não tem pai, nem mãe, nem amigos,  
mas os seres invisíveis da noite estão nos seus

[sonhos e o protegem.

Ele tem um céu dentro dos olhos,  
um céu imenso como uma bandeira desbotada  
onde ainda encontra poesia;

seu corpo é uma grande tela  
onde descobrires Picoso e Chirico;

seus olhos já viram incantáveis mares,

vermelhos, azuis, verdes e negros;  
éle não tem nacionalidade

e talvez não seja irmão do primeiro homem,  
deve ser um poeta ou um beija-flor este mari-

[nheiro bêbedo

que um dia morrerá trespassado por um arco-íris.

## UM OLHAR EM TÓRNO

Penso na eternidade destes pedros,  
tão tranquilos,  
que se abraçam como irmãos, ou como amantes,  
lembra-te que um dia  
elas esmagarão teus sonhos  
e te aprisionarão até a eternidade;  
olha estas árvores que se agitam de leve,  
ao sopro do briso,  
e estas folhas caíndo sobre tua face triste,  
como uma carícia de mãos bem-amadas.  
Em torno de ti, tudo é eterno,  
irremediavelmente eterno e imutável:  
não vês que este rio de  
água tão leigera  
já não se lembrará das faces que nele se miraram?  
Bebe dessas águas  
e sentirás o gosto amargo de lágrimas,  
passaria por estes jardins e estarás só.  
Ninguém poderá fugir deste eu.  
Nela nossem serenos noites,  
que te cobriram de Poesia.

## POEMA PARA UMA INFANTA DEFUNTA

O' ondariinhos sem pauso  
que errais perdidas entre os constelações de  
onde estorá o infanto defunto  
que velou a aurora o sono de minha longínqua  
infância  
Há minutos passados baixou uma noite tão se-  
tina sobre minha agonia  
que agora repousa num quietude ilimitada meu  
[interranquilo espírito;  
há minutos passados, a luz mortica da noite,  
pode ver os negros olhos de um morcego insone  
que fugiu da luar.  
O' doce infantil defunto,  
vem correr minhas pálpebras fatigadas,  
vem enxugar meus olhos que choram pelos que  
[ainda vão morrer.

## HISTÓRIA DOS SETE SÁBIOS DE KALAGRITIANHRLA

Deveis conhecer esta história  
Três amigos completamente bêbedos  
me contaram hoje a história dos sete sábios  
esquartejados antes de crucificado em língua

[de vibors  
os portos da cidade de Kalagrithianhrla.

Três amigos que só amam o vinho,  
os mulheres e o sono  
quiseram descrever-me os suplicios dos sete sábios  
que eram seus irmãos pelo sangue,  
pelo carne,  
pelos ossos,  
mas nunca pela sabedoria.

A história dos desgraçados mártires

está sendo cantada e cantada

por trovadores em forma de diabos,

mas a verdadeira história do que se passou

nos portos da rica e próspera cidade de Kalagr-

itrianhrla.

um dia eu vos contarei, homens bêbedos e lú-

ticidos;

é mais trágica e mais dolorosa

do que a história de Nogriekofu

titão do maior de todos os sábios

que morreu crucificado no monte que ainda hoje

é chamado de Hirhejdktiro.

## POEMA

Quem virá povoar este silêncio

que se abate como um pássaro ferido sobre tua

vida?

Quem esmagarão estes fantomas

que surgem a cada instante

e te alucinam, e trazem o pranto amargo para

os teus olhos tristes?

Ergue tua voz, limpida e forte

e atravessarás esta planície imensa

como um conquistador, como um deus ou simples-

[mente como um doce onto.

Olha-te no espelho deste rio:

E's belo, friste e descobrindo mundos;

conta, o vento levitará teu canto

e ele se perpetuará em os solidões dos desolados.

comine, não por caminhos traçados por tuas

[indecisões,

deixa-vor teu espírito, livre, puro, como uma ave

e ele atravessará vales e despenhadeiros

como se fosse gêmea dos grandes ventos perdidos

neste país remoto onde teus olhos não vêem pa-

isagens.

## AS DUAS BAILARINAS DE MASCARAS

As duas bailarinas olharam as máscaras

e os duos máscaras diziam: Não!

A primeira vestida de azul celeste

tinha no rosto um sinal sombrio,

seus olhos eram negros e negros tinha o coração.

o segundo era uma feiticeira.

e vestido estava de limo verde

e nos seios tinha algas marinhas

e na boca veneno

e seus pés e já cansados pés

não pisariam mais nenhum palco.

As duas bailarinas de máscaras na mão

esperaram o noite

e puseram máscaras contra os estrelas de Deus.

A primeira depressa arrancou a máscara

mes insístie em trazê-la apesar de tudo;

o segundo era máscara está

e máscara morta em solidão.

Meu Deus, salvai a bailarina de azul

porque a tristezza viverá demais

e teu rosto sob seu encantado manto o mi-

sero poeta!

## POEMA

A luz de meus olhos, minha alegria e meu pranto

andam perdidos nos teus olhos, Berenice;

o riso de minha boca,

morreu na tua boca onde tudo é segredo, E-

ténico.

tú és a mulher incerta e desejada

que me renegaste lançando minha alma

num abismo de sombras;

tú me corrompeste.

A cada instante

eu te encontro, em cada ângulo, em cada

horizonte eu te encontro sempre.

Eu me curvo ante tua Beleza e tua Sabedoria

[Berenice].

grande Trasquiçado que um

dia feriu minhas asas no mar;

tu me confundes e destruiste com seu sopro

[Lírio-clima]

as palavras que morreram como coisas na

Lírio-clima

## POEMA

Agora é sempre

me cercam esta solidão,

e este silêncio angustioso que inquieta

os estrelas da noite;

lá fora o mar grita como um alucinado

e minhas mãos tremem, e meus olhos choram

porque maior é o seu consolo, e a sua solidão

[sem nome].

# DEOLINDO TAVARES

constante e inconstante,  
quintando a harmonia de um conjunto deshor-  
monico.  
Se algo em torno, as sombras se destacam e me  
lperseguem;  
e paço que sobre mim venha morrer qualquer luz  
porque perdidos e sós erraremos todos  
até atingirmos o limite que não será ultrapassado  
porque além dele, para nenhum de nós  
podera haver ressurreções.

## TESTAMENTO

(A Aida Neri da Fonseca)

A meu pai deixo minhas divisas  
e à guarda da mulher amada  
que nunca me foi fiel um só minuto de sua vida;  
o meu irmão deixo minhas roupas e sapatos,  
e que via nunca ande pelos caminhos que ou  
Landel;

à minha irmã deixo a dentadura do piano  
para que elle se alimente pelo resto da vida  
com a ilusão de que é uma grande artista;  
e meus amigos, deixo meus travestis de palhaço,  
porque os seus já estão bem estragados;  
os fios solteironas, deixo minha memória  
que elas imortalizariam num momento de lágrimas  
testéricas.

Agora a que dei tudo e só posso meu corpo inútil,  
peço que sobre ele plantei madresivas e gera-  
lhos vermelhos

do cor dos geranios vermelhos como sangue, de  
[Lawrence]  
E já que vivi deste céu, deste mar e deste mundo,  
deixo o este céu, o este mar e o este mundo,  
e estás paisagens que encheram meus olhos e

que muito amei,  
uma garota onde estão trancados poemas imor-  
tais,

Não invejeis de plantar sobre meu corpo per-  
feitamente inútil,  
madresivas e geranios vermelhos  
do cor dos geranios vermelhos como sangue, de  
[Lawrence]

## CONVITE À CASA PATERNA

Homens tristes que passais,  
podes entrar e repousar à sombra amiga da  
[caso paterna]

Vinde e escutareis o palpitar de cinco corações,  
e a face dos cinco amores de vida de um poeta.  
Virgens perdidas, que passais com o desespero

deixai, homens sem pátria, que  
podes entrar também,  
vindo olhar a irmã amada

a regressoreis mais limpidas à deserta noite.  
No silêncio e no vastidão da casa paterna,  
vindo repousar, o poetas que tendes como única

este bem amado e sereno céu.  
Podes entrar, que eu vos receberei,  
pois não há indiferença nem egoísmo em meu

E vós, homens sem pátria, sem glórias e sem  
fortuna, entrai que vos espera um poeta  
que não quer ser visto nem apontado.

Miseráveis de cinco continentes,  
vagabundos trovadores das serenas horas da noite,  
se algum dia repousardes à sombra da casa pa-  
terna,

amores como somente o poeta pode amar  
as figuras ridículas e enlutadas dos avôs  
que te debreciam em molduras douradas e car-

[comidas] nas paredes da sala de visitas.  
Elos velam o tranquilo sono

dos cinco amores da vida de um Poeta  
sem ódios,  
sem egoísmos,  
sem horas,  
sem indiferença e sem glória.

## AUSÊNCIA

(Para Eliza, minha mãe)  
Atravessarei o tempo, vencerrei a distância  
para que minhas mãos voltem a repousar nos tuas  
e minha cabeça descanse no teu seio  
onde minhas dores depositarei.

As palavras de tuas prases  
serão um imã que me fará regressar a ti.  
Verás então como os dias e as noites

se impregnaram nas minhas faces  
e como meu espírito não se libertou da angústia

[secular]

Saberás pelas minhas palavras,  
as palavras que pronunciei para outros ouvidos

sempre presente em teu espírito  
pela mágica de meu pensamento.  
E nas pupilas de meus olhos,  
encontrarás paisagens e perspectivas multi-  
formes;  
e na poeira de meus sapatos,  
os caminhos tortuosos que venceram os meus pés.  
Tuas lágrimas serão a minha remissão,  
a remissão dos meus erros e de meus desvios;  
e teus lábios pronunciando palavras de júbilo,  
e tua voz soante na minha voz,  
e meu corpo, meu espírito e meus sentidos  
se reintegrarão neste instante na tua memória

[para a eternidade.]

E seremos dois astros gêmeos  
aproximando faces esquecidas  
e percorrendo trajetórias infinitas.

## CANÇÃO PARA O IRMÃO

Dorme, ó meu irmão, dorme  
que minha insônia vela teu sono e teus sonhos;  
nesta noite profunda e constelada,  
entram raios de estrelas  
pelos frestas de nossa janela  
onde juntos avistamos o mar.

E eu velo teu sono e vejo teus sonhos,  
porque um dia eu também dormi, eu também

[sonhei.]

Teu corpo adolescente  
algumas vezes se agita,  
e debruça-me sobre ti, e olho tua  
face serena, tua boca que sorri, tuas  
mãos quietas e longas repousadas  
sobre teu peito forte.

Depois, silenciosa e angustiada  
saio e caminho tendo por companheira  
este mar gentil e irrequieto.

Quando regresso, volto a olhar-te  
e tuas mãos crispadas repelem minha  
sombra sobre teus sonhos calmos.

Dorme tranquilo, nunca teus olhos verão

os últimos estrelas da noite.

## POEMA AO IRMÃO

Não tiveste no teu belíssimo rosto  
a serenidade do meu rosto de poeta;  
não tiveste no teu corpo de linhas intrincadas  
o esbelteza e graça do meu corpo casto.  
Tenho ainda no meu corpo

uma serpente que estrangulou Verlaine  
e no espírito a loucura do "voyou" Rimbaud.

Nem sabes quem foi Verlaine,

e sem dúvida nunca te contaram as aventuras de

[Rimbaud]

Reposado na teu leito olhas o teto, simplesmente,  
eu também olho mas vejo além, vejo estrelas;  
se foges da moldura da janela e olhas o mar,  
eu me curvo sobre ti

e vejo além do mar, muito além — suicido-me

[na linha do oceano]

E quando ven a noite vês estrelas nos teus sonhos  
e eu, sombras que espantam os meus sonhos,  
mas quando despertos feliz  
nem olhas minhas mãos espalhando

poesia nos quatro cantos do mundo.

## POEMA A DAMA DE NEGRO

Vem cerrar meus olhos e enxugar meu pranto,  
vem escutar meu canto, Dama de Negro,

antes que os rouxinóis façam ninhos em meus

[cabelos]

levando meus sonhos para os confins do mundo.

Escuta, ó pálida Dama de Negro:

disseram-me, mas eu já sabia

que a beleza triste da minha face

vem da tua face amada.

Escuta, serena Dama de Negro:

bem sei que minhas mãos de poeta

e a poesia que acompanhará toda a mi. ho vida,

vieram das tuas mãos de luar

agora mortas neste retrato em minha parede.

O' estranha Dama de Negro

neste instante, tuas mãos de luar

sobre minha fronte febril

seriam gotas de refrescante orvalho.

O' mulher concebida na escuridão da noite,

vem enxugar meu pranto,

vem escutar meu canto

porque estou só num mundo

onde nunca estamos sós,

onde nunca estaremos sós,

nem mesmo perfeitamente mortos.

## POEMA

Ante meus olhos cansados vi todos os feridas san-

grendendo,  
todas as dores gritando,  
e sangue brotou como uma fonte de meu peito

molhando minhas mãos.

Tenho o coração trespassado por finos punhais

assassinos,

e sei que sou impaciente diante deste céu —

imensa bandeira desbotada

onde somente meus olhos encontram poesia.

Sei que diante deste mar tão manso

e destes bosques, destas estrelas, de tudo, enfim,

continuarei afilito e insone.

Imaginai que meu desejo único

é vestir o mundo com roupagens que lhe não

cabem,

pensai bem que meu desejo único

é fazer emudecer o riso universal

daqueles que me olham

tendo na face uma fria indiferença.

Lembrai-vos de que a comédia está sendo expul-

sa a chicotadas

pela tragédia que cobrirá os polichinelos

com densos veus de luto e de morte.

## POEMA PARA NEWTON SUCUPIRA

Piedade para os que vivem numa calma deses-

perança

e fogem dos amores mais fortes que a morte.

Piedade para os impuros

que ainda se contemplam em espelhos frios.

Piedade para os Deuses amoros

que choram perdidamente em serenos vales,

Piedade para os fracos,

que não podem lutar contra os fantasmas das ten-

tações.

Para os fortes que a elas nada resistem, piedade.

## INSONIA

Círculos lunares como gigantescos anéis de tor-

itura

imobilizam minhas mãos.

A noite se espalha em meu sangue

e sinto o mistério pois os sonhos não repousam

lém meu peito,

onde crianças esmagam flores e uvas.

Sou agora lançado aos cães

e só resta então de mim

o coração que não para,

sobre montes, desce vales e atravessa rios.

Há um desequilíbrio permanente

entre meu espírito e os incontáveis espíritos

que me seguem como sombras.

Só para gozarem meu suplício

é que elas não me abandonam nunca.

A fadiga imensa me restituí a paz.

A Manhã sai de minhas mãos em vôo alado.

## POEMA

Este mundo eu preciso abandono-lo,

pois este mundo é um grande circo

onde cada um procura amostrar-se

para as exibições nas soirées de lotação completa.

Quero fugir e não me dão um barco,

quero deixar este picadeiro e não me dão um

cavalo.

Para esta fuga tenho como cúmplices

os mundos de Deus que eu glorifiquei em poesia.

Há distâncias tão longas a vencer

e já quero fugir ou mesmo ficar cego

para não olhar as gerações

que estão se construindo sobre os escravos des-

te mundo louco.

## O POETA

Minha ridicula figura desenha no ar

linhas geométricas e nervosas.

Uma das mais curiosas é a que resulta

quando abro a boca e entram ruídos confusos.

Há ruídos confusos na minha alma,

há pontes escuras na planície branca do meu teto.

Nem são maroposas nem estrelas:

são pontos finais de capitulos encerrados.

Sou uma linha geométrica,

ridículo,

variável,

## A ROSA E O POETA

nam alvo seio,

nam rio de leite,

nam neve da manzanha,

mas uma simples rosa branca

suavemente desfolhada pela brisa.

# POEMAS DE POESIA

Col o primeiro petalo, o segundo,  
e em breve só resto um corolo  
como uma coroa mortuária.  
E os pétalos continuam caindo, leves,  
talvez à força dos meus olhos  
duas tristes paisagens  
na sombra e ridícula moldura do meu rosto.

## O POETA REPOUSARÁ DURANTE SETE SÉCULOS

Por Murilo Mendes

Poeta,  
deixa que eu conte aquela noite que repousa na floresta,  
deixa que eu conte aquela galvão que dorme na ponta do mastro do velho navio negro que repousa na encosta que nenhuma morinheira conhece,  
que somente eu posso ouvir a tempestade que trazia à tona os tesouros que Vulcão escondeu pensando em Vênus,  
sómente os meus olhos devem contemplar os baúlhos que a história jamais contrapôs que virão depois,  
eu subirei sentir a tristeza dos idos de Março,  
o desespero dos que dormiram sete dias e sete noites no seio de Netuno,  
e insaciada dos que beberam nos sete fontes da Ividá,  
depois de atravessarem os sete montanhas gelados,  
eu sarei o eco dos que gritam perdidos nas sete florestas do Sudão,  
e mensageiro que levou os sete pões e os sete festejos para os que trouxeram fadados da cume do Everest,  
e souberam resistir a todas as tentações e aféias.

Poeta,  
eu sarei o vingador das que não comoram os sete livros do grande testimônio,  
Eu fulminarei e que entrou no templo e não desfiz, cobriu o cérebro,  
eu terei o luxo certo o que não soube distinguir o Justo da moeda.

E depois,  
eu entrarei um hindu a Jeová pela grandeza das leis que executados dentro de sete dias,  
concederei os vossos benefícios,  
e hei reputado depois de todas as fadigas durante sete séculos.

## POEMA

Rebres destes olhos que nunca choraram e destes mós inertes que não despertam para lhe encherem consolo; rebres destes pensamentos que viajam incertos e não repousam nem mesmo quando nascem as grandes noites; sobre destes pés feridos que não suportam mais o peso de todos os cupidos do almo errante que o mal subverteu na primeira tempestade.

Poetas destes olhos que nunca choraram que não encheram nenhum dôr, que não alham nem entorpecer que estão miseravelmente cegos, que não mais adormecem sob a serenidade e a docura desse céu azul misteriosamente azul.

## POEMA

Ah os caminhos que meus pés destruiram incipientes, ah que eram inexplicáveis! a vento da noite caí voo no minho alma! Sombras, sombras, sómente sombras espessas volvem o rieu sono e alimentam os meus sonhos. Ah a derrodeira virgem que resta ainda em meu pensamento e que um dia longarei num plano onde repousa minha infância perdida na neblina; ah a derrodeira virgem que sórará de outro plano de minha vida para morrer em qualquer álbum sem retratos, em qualquer calendário sem paisagens!

Da máquina de escrever, um dia, sairá um poema que vos contará a história inacabada porque os mós vivem e são como andorinhas no teclado de um piano onde cada som é uma morte e cada regresso uma ausência!

Abençoad seja esta noite profunda e estes incomensuráveis silêncios que me inundam da Poesia; abençoad seja a luz que vem dos estros errantes de Deus através de mil caminhos iluminar minhas sublimes.

Abençoadas sejam estas sombras indecisas que se movem como espíritos inquietos, fecham docemente minhas palpebras e me lançam no mar misterioso e tranquilo dos sonhos.

Como carpideiros, terei estes estrelas que sómente eu tenho Poesia para louvar.

Abençoad seja esta noite profunda e estes silêncios que me trazem Poesia; Abençoad seja esta luz que vem dos estros errantes de Deus através de mil caminhos iluminar minhas sublimes.

Abençoadas sejam estes sombras indecisas que se movem como espíritos inquietos, fecham minhas palpebras lancando-me no mar misterioso e tranquilo dos sonhos.

## POEMA

Duas noites estão nos seus olhos Sua boca é ombrão e está morta porque os dores sempre crescem e vitimam num sereno ondante no sua alma em desespero. E por isso o ódio medro como um flor na montanha ou planicie de sangue do seu coração morto, e por isso suas mãos inertes nadam construindo porque neste mundo tudo está se destruindo e eles são estranhos e não lhe pertencem mais. Onde estão os montinhos azuis, os montanhas azuis e os noites que nutrora entravam pelos sonhos? Onde estão os roxos ociosos que morram nos suas frontes serenas, onde estão verdes vales e os adormecidos montinhos corridos pela vento viajante que lhe cantava aos ouvidos numa dolçura infinita?

Hoje seus olhos não estão cegos para olharem os chagras da terra revolvida pelas granadas assassinas que brilham no escuro, como estrelas cansadas que hauvessem tombado sobre o ogonio do mundo; hoje, sem passado, sem presente e sem futuro seus pés caminhão levando um corpo morto para os caminhos sem encruzilhados.

## TUA PERMANÊNCIA EM MIM

Cada son que fere meus sentidos, seja uma sinfonia ou gritos de massacre lembra os palavrões que se exalarom de tua boca; cada gemido dos rachados acutidos pelo mar é um ruido que lembra teu gemido de amor que cedo torre deste templo emoldurado pela janela cinzenta do meu quarto é uma silhueta do teu corpo Virgem; cada figura dos vitrais multicolores é uma reminiscência do teu espírito em minha memória.

## POEMA

(Para meu amigo Mouro Moto) Permanecerás indefinidamente triste e só a contemplar este terra úmida e cinzenta que um dia te reclamará.

Não grites porque teu grito se confundirá com os clamores da mar, não chores, porque teu pranto se dissolverá com outros prantos e é uma partícula insignificante junto às lágrimas amargas que já foram feridas.

No ecran pálido de tua memória procurarás encontrar um deus; mas eu te afirmo que nada verás porque ele está envolto no denso trevo secular. Foge para o solidão sem fim, para a vida sem fim, para o ilimitado sossego das próximas noites que ainda pesarão sobre teus curvados e frágiles fômbros.

Minha alma vem de longe, de muito longe, trou perdida pelas encruzilhadas do mundo. Minha alma vem de longe, de muito longe, depois de ter se afogado no horizonte e ressuscitado neste amanhecer que te invadiu precipitou a queda dos estros de Deus sobre os ôculos profundos e serenos dos mares; tinha no peito um desejo de fuga para os paisagens tristes onde tudo é desolação. Minha alma ouviu os palavrões essenciais que dormiam no ventre das grandes montanhas escutou o músico do vento gemendo entre os obismos e destadeiros de luto.

Depois, vencida e cansada, voltou para este corpo indiferente que se obriga no refúgio das grandes solidões.

## POEMAS DE WILLY MOMPOU

### PRIMAVERA

Eu já ouço o canto da cotorva anunciando a chegada da primavera, Eu já sinto o sol quente aquecer-me o corpo, Esse sol que tosta a pele das mulheres louras, Das mulheres vindas de longe nos grandes trânsféricos Em busca de outros céus, de novas sensações.

O sol não me deixa ver o mundo verde das flores das encruzilhadas, O mundo de reflexos do ôculo do mar, O mundo de alegria que transpõe no topo das montanhas que estavam frias, Porque essa alegria é comunicativa e vem de tudo, Entra pela janela do meu quarto, me despenca, Torna tudo e todos imensamente felizes, Inspira canções e poemas inéditos, Esse alegria se desprende até das retrates e vicos lido de cães, Onde mulheres pálidas sobram românticas das flores que não marcharam, Que ainda estão cheias de orvalho da madrugada.

### O SONÂMBULO WILLY MOMPOU

Um deus camouflado em azul bateu-las rapto e sonâmbulo Willy, no momento justo em que ele caminhava pelo erótico óbito solar. Willy tinha os pés e a alma abraçados, mas pode, mesmo confundido com o espaco, divisor a irmã cobrindo a nudez com ramos de trevos, e seus seios eram os olhos de Willy como duas minúsculas estrelas. Para ver melhor Willy curvou-se tanto que desabou sobre uma estátua de homem que se reclinava sobre o impudico Judith. Mas tendo abandonado o círculo de luz do erótico óbito solar, Willy apunhalou a irmã, para que ela não aparecesse diante de seus olhos e de seus desejos, como a guerra que um dia decapitou o cérebro de Louca e complexo Willy.

### RETRATO DE WILLY MOMPOU O POETA LOUCO

Os olhos de Willy Momopau são profundos como escuros poços, e sua fronte é um desladeira onde escorrem os pensamentos do poeta, de mistura com o suor ógico que muitas vezes se confunde com lágrimas. Os cabelos de Willy eram negros como os azos de um corvo, mas quando Willy regressou da última viagem, elas se tornaram lauros como espinhos de milho dourados pelo sol. Assim se vire os cabelos de Momopau, pensareis que o louco tem um agitado mar revolvendo seus pensamentos. O corpo de Willy é semelhante ao de um cão, de um juncos agitado pela brisa. Isto equivale a dizer que Momopau é o primeiro bailarino que não possui um pelo. É preciso que saibais, que o corpo da Poeta tem o formo de um atauda. Os braços longos se crastam, como se ele fosse um simio; suas mãos são oduncas garras, espadas e elas acuam o próprio Willy, os pés do misero sempre a levam por caminhos ásperos, para destinos que ele próprio traçou. Seu coração pulsa suavemente, a semelhança de uma leve pancada em tenuo cristal. A alma de Willy deve ser lembrada neste leigo retrato porque ele acredita que ele está ligado ao seu complexo corpo. Portanto o almeida de Willy às vezes é alva como um lirio da manzanha, outras vezes é como tinta suave, ligado,

# DEOLINDO TAVARES

mas sempre negro como os primeiros moltes do mundo.

## IV UMA "DANSEUSE" TENTA WILLY MOMPOU

A longa mão de Willy Mompou, seus dedos exquisitos, apertando fortemente o iapé, não puderam afastar os pés de uma intempestiva "danseuse" que se desenhou numa surpresa inédita no mocio papel que iria receber mais um incomprendido poema.

Mos Willy sentiu-se cego poraue a luz apegou-se e o cigarro era uma grotesca estrela boiando na sala de jantar deserto.

A "danseuse" incômodo não interrompeu-se e Willy pensou que pouco faltava para ela ser expulsa do branco tablado onde os poucos surge um poema impôvido, continuou e já o lapis do poeta era uma espada sobre sua loura cabeça; e seus agilíssimos pés pareciam fixos no papel, e suas níveas mãos depois de puxarem a barba

Ido místico Willy

tentaram destruir as primeiras frases poéticas.

E o cutedo na mão do poeta já decepou suas coxas, já abarcou seu incerto sexo, que, como um polvo monstruoso

teria deter a mão de Willy, mas ele não se detérá e este poema não prosseguirá em nenhum outro

pagina.

## V O DESPERTAR DE MOMPOU

O adolescente dormia sereno sobre um rolo de sol, quando o pai levantou a tampa do seu sarcófago e esbateteou-o violentamente.

O belíssimo poeta revolveu-se e continuou o sonho interrompido, mas sentindo-se ferido

acreditou que a noite e o sono estavam fundos, e era chegada a hora da Magelção.

Depois do suplício infernal foi no jardim em cinzas e comeu astras vivas e lilozes emargas.

Para esquecer os dores contou, um por um,

os nomes dos pinheiros que se escondem do mar e estão plantados próximos à janela do tuguriu onde mora o autor de mil poemas eróticos.

Dormindo, os borboletas disputaram seu colo, mas ele despertou e cavando o orão encontrou as coxas de um deus, e ambos fugiram em buscas da planície dos sonhos.

VI

## APRESENTAÇÃO DE WILLY MOMPOU

Em nenhum ângulo, em nenhum sequência, nem nenhum quadrante

descobrirei o louco e angustiado Willy; sua sombra é a sombra de tudo

e tudo é o erótico e sensual adolescente. Se algum dia fares à montanha e te curvares para o vale

Willy estará no vale e na montanha; ele é o nunca e sempre visto

é o sempre ausente presente no mundo; ele é a chuva que ameniza o calor

e faz reverdescer os campos e florestas; ele é beija-flor, triste corvo, insone morango, corola e haste, raiz e podridão, humus do terro;

ele pode estar no seu próprio sonho, no seu sonho, na sua própria insónia ou no tuo

[insónia];

Willy Mompou, afinal, é sobretudo uma estrela que ainda não se apresentou ao mundo; lágrima ou gota de orvalho, escuridão e luz, olho e corpo, é o complexo e desconhecido Willy; é a fonte que murmura, o rio que desfila e tudo arrasta; músico, febre, e sobretudo um pobre homem só e triste que sonha uma grande fuga construindo ozas com as nuvens "danseseus" do escuro tablado de sua casa, de seu túmulo.

VII

## POEMA DE WILLY MOMPOU

Willy pensa que tudo é um convite ao sono e num salto mortal onde se multiplica em mil

[imagens]

vai repousar na rede elétrica, entre nuvens, entre

[céus].

E o louco menso adormece sobre os homens, sobre os cabeças, sobre os pensamentos de cada um e não é visto senão neste período lírico e heróico de sua complicada vida.

Afinal, dormir sempre foi o maior sonho de Willy, dormir até que cessem todos os convulsões todos os inquietos que perturbam a doce paz

do mundo.

Willy tem neste instante o coração repousado sobre um fio condutor de tristes, porque havia penetrado na sala uma

[desgraças].

## VIII O CATIVEIRO DE WILLY

Entre nuvens, entre céus e entre aves adormeceu o pobre Willy Mompou, sobre homens, sobre mares, sobre heróis.

O convite ao sono podia ser um convite à vingança, Willy não se achasse enredado nos barbácos do patriarca que o gerou

no ventre de uma endoninha cega; afinal, dormir é o maior sonho do poeta, para que seu coração não mais repouse

sobre nenhum fio condutor de desgraças. Entre nuvens, entre céus e entre aves

procurou o belo Mompou, e se o encontrou lancou-o sobre os barbácos do

patriarca porque ali está o ninho onde ele habita e onde nunca é visitado por nenhum turista

deste cão, bodeiro desbotado onde não há mais

poesia.

IX  
ALGUMAS HORAS DA VIDA DE MOMPOU

Willy olhava embêvecido o onítecer. Dos lábios finos e sensuais, pendia o cigarro como uma logofita de uma flor exangue. Inteiramente nu rumou para o mar, onde já esperava impaciente uma boleia de olhos verdes que dançou com o poeta louco uma "polka" fantástica. Depois, como recusasse ombrá-la veio em defesa do baliarim um cavalo marinheiro. Com um simples coice, Willy foi atirado ao mar.

Surgiu de repente um adolescente guerreiro que o salvou da morte, narrando-lhe a vida dos homens que passaram em ovinhos líquidos e são imperfeitas.

Então, Willy não resistiu e foi possuído integralmente pelo adolescente, pois, ele era a própria Poesia. Depois, intensamente só, Willy escondeu-se na biblioteca do cunhado amigo que cevilgava dâmas e rainhas no picadeiro exiguo do xodré ombrão. Exausto, Willy adormeceu de cansaço e foi comido vivo por uma minúscula orinha que provavelmente o vomitara depois do leito incômodo, onde ele dorme e ininterruptamente sonha.

X  
WILLY ESPIA O BANHO DE JUDITH

O lascivo Mompou olhou a irmã que se banhava, e era um poema entre sorgocas e algas marinhas brilhantes como estrelas. Ardentos raios de sol ocultaram a virgem do poeta para que ela não fosse raptada pelos fogosos centauros marininhos.

Mos um adolescente nu e herculeo, que havia sido gerado sob o mesmo signo do irmão de Willy, violou-o, ante o desgostado irmão. Willy chorou e suas lágrimas se transformaram em conchas e ouricuras de pontas aguçadas. E quando o guerreiro pôde se libertar, correu para Willy e este encontrou-a mais casta e serena. E os ouricuras e conchas de formas ambíguas se transformaram em flores para grande alegria do anjo triste e erótica que é Willy Mompou.

Então a complexa Judith da aspira-las enlongueceu e hoje está para sempre irremediavelmente morta.

XI  
VEM A POESIA E TENTA WILLY MOMPOU

Willy Mompou olhou os insetos acrobáticos que furavam o teto, e feriram sua face bela e tranquila nequela hora. O homem havia se escondido no único ângulo da sala de visitas que pode ser visto sem óculos de alcance. Como um tesouro verde quisesse penetrar no intimidade de sua boca, Willy esmagou-a porque pressentiu que no seu coração estava infata o virginidade do irmão. Sem-adormecido não viu o Poeta que penetrou na sala e possuía-o violentemente. Então repousou a cabeça sobre o volume de Rimbaud, e sentiu o pavilhão auricular mordido pelo grande turista. Os ratos feriram os cordões

do piano e despertaram mais uma vez o pobre Willy que expulsou-os, pois havia surgido dentro dele um regente.

Como o janelão estivesse fechado o ar-ondo restasse na sala os últimos acordes que emudeceram Willy, esta foi aberta para que o ar marinhe embalasse o sono do irmão de Willy, que havia adormecido bêbado e cômico na primeira profetisa da estante.

Mas Willy não podia mais fechar a os in-

trusos, porque havia penetrado na sala uma

reia em busca do irmão do grande trágico. Então aconteceu que Willy Mompou caiu e cincrino o lembrou-se que sob aqueles estribos fumegantes, havia ainda fáustos em perfeito estado de conservação. E viu o poeta que muito de leve a Poesia Ilutuava no aposento em calmo, e que seu corpo se notaria porque a Poesia o possuía integralmente naquele instante ines-

quecível.

## XII WILLY E COMIDO PELA URSAS MENOR

Tudo sobre a mesa do louco Willy era uma natureza morta em confusão, e o poeta contemplando o miserável quadro resolveu suicidar-se no sonho do irmão adolescente que olhava com um único olho aberto. Mas vendo que não havia caminhos na senda do irmão, Willy voou através do janelão de seu quarto e foi ao encontro do abandonado mar. Entim, resolveu dormir sobre as espumas que lhe despertaram o sexo morto. Foi então que desabou do noite serena o Ursinho menor, e confundiu o ridículo Mompou com os estrelas mais tristes do sistema, depois de tê-lo vomitado. Então Willy resolveu vender a sua castidade no primeiro pássaro, em troca dessa liberdade. Mas o demoníaco pôssoro comeu-lhe os entranhos, sem precisar ocorrer-lá em nenhum rochedo. Willy sentindo-se depois mais vazio e inutil do que antes, regressou desgocionado e insone ao cubo amarelo do quarto de dormir onde o adormecido irmão o espiava com um único olho, querendo mesmo no sono desvendar os mistérios do alucinado e cômico Willu Mompau.

## XIII POEMA

Willy Mompou é senhor único de um peixe, de mar, de uma noite. O mais sensual de todos os poetas tem o baco em forma de flor e os beija-flores em torno dela volteiam tentando sugar a saliva de Willy que é o mais delicioso de todos os netos; tudo gira em torno de Willy e os planetas maiores deste misterioso círculo correm velozes em torno das três órbitas de Willy. O senhor único de um peixe, de um mar e de tudo noite nôda deseja deste mundo.

Só que o sono como um suave beija-flor arrebota da vida confusa que vive o pobre Willy Mompou.

XIV

## A MORTE DE WILLY MOMPOU

Chegada a hora da morte Willy Mompou beijou o retrato do irmão lançou-o longe porque sua castidade feriu

Ele os sensuais tâblos. E como a hora não estivesse tão próximo, levantou-se e incendiou o jardim.

Nas noites de verão, ele é amante de uma onda que habita próximo à casa do poeta.

E as abelhas insetos que voaram assuetos entraram nos seus ouvidos e executaram grandes concertos em mi e fa sus-

tenido.

Então, poucas minutos faltavam, e, despedindo-se de seus amigos todos se macularam espontaneamente. Willy Mompou riu e esmagou num minuto o despertador da cabeceira do leito mortuário e adormeceu sem morrer sonhando com os pirâmides que velaram sensualíssimas santas uns das quais voltou a este minúsculo planeta na figura da tia mais velha que se fez prisioneira de vários bemaventurados que enfeitem os pôneis do seu limitado quarto.

# DEOLINDO TAVARES,

— I —

**DEOLINDO**

Só duas vezes me encontrei com Deolindo Tavares: uma no Rio, outra no Recife.

Guarda dos dois encontros

pressão expressão da per- somaldade — é que foi do que, poucos anos depois da adolescência desejado o morre de Deolindo, o ambi- poeta autêntico, em torno de cuja morte crescentes admira- ções e até os entusiasmos dos rapazes de vinte e dos de menos de vinte.



Deolindo Tavares, em um dos seus últimos retratos

A recordação de um adolescente inquieto, mas desajeitado, desses que parecem ter vinte anos, mas todas esquinas, vinte braços, mas todos de outras pessoas, nenhum dele próprio.

Lembra-se dos seus olhos: os olhos ainda de menino, espantados de se encontrarem num corpo já de homem. Lembra-se da voz: a voz de alguém com medo, não da morte, mas de fazer barulho.

Essa mesma voz, os olhos de menino triste, o todo desarrumado de adolescente desajeitado — n'garão completa a *homem-fabé*, sinto-os perdo de mim, no fir os cadernos em que Deolindo escreveu versos com a mesma intensidade de Manuel Bandeira e sob a mesma necessidade que faz Bandeira escrever os suoi: "como quem chora", "como quem morre".

"Eu faço versos como quem chorá"  
"faore"

"Eu faço versos como quem faore"

de Atenas decadente e não de Espartano do futuro.

O poeta autêntico resiste à pressão no sentido estandardizado: conservando diferenças do grupo dominante na velha Escola naqueles dias românticos e incertos. E é na verdade um consolo para os que nos preocuhamos com o Brasil.

Há no poesia de Deolindo uma autenticidade que torna impossível separarmos seus versos de sua pessoa; nele foi a carne que se fez verso sem deixar de ser carne. A arte de compoção é tão pouca que só el e com a cultura brasileira quase não existe em poemas tão intensamente pessoais e críticos que vêm atravessando vivos. A necessidade de ex-

pressions superiores e colégios, vermos virtudes espartanas sem soler dos piores vícios que estão a base do "complexo de Esparta"; que o povo britânico não precisa de receber lições de povo ucraniano em questões de organização nacional — a não ser das russas soviéticas quanto à democratização da economia e dos brâncos de hoje, mas de sempre, em assuntos de democracia étnica, ou antes, social. Um dia o marinheiro inglês, por exemplo, talvez se torne como o marinheiro transmutedo no poema de Deolindo:

Sinal de que vamos nos libertando do "complexo de Esparta" em que queriam envolver nossa mocidade, não tanto os interessados em salvá-la da vida mole e do amor exagerado ao conforto (em que vivem de fato, os capitais — principalmente no Rio — os filhos de fazendeiros e burgueses), mas os políticos e pedagogos desejosos de dominá-la pela intimidação, pela corrupção, pela estandardização das idéias e dos gestos dos moços estudantes em idéias e gestos de capangas; capangas não tanto de Deus, como escreveram uma vez com ingênuo otimismo, o sr. Luiz Jardim, nem mesmo de Nossa Senhora de Fátima, mas dos simples deuses políticos do momento e das exigentes deusas ideológicas da contra-revolução fascista.

Volta felizmente a lugar na admiração dos brasileiros jovens pelos indivíduos que podem ser incapazes de fabricar a mais simples coisa, dirigir o mais fácil automóvel ou brilhar no mais insignificante jogo de futebol, mas trazem dentro de si relações não só de si próprios, mas de sua geração inteira; angústias menos individuais que humanas ou nacionais; antecipações que a todos nos interessa recobrir de suas palavras diferentes das banais, de seus gestos diversos do comum, de suas dores que são às vezes as de todo jovem, aumentadas ou exageradas no indivíduo de maior poder poético.

E certo que Sir John Foster Frazer — ou foi outro inglês — observando há mais de trinta anos o Brasil, em rápida passagem pela América do Sul, achou que havia aqui excesso de poetas. Mas de falsos poetas — devendo ter especificado o inglês. De poetas verdadeiros havia haver excesso em lugar nenhum, claro por natureza raro. E um dos segredos da sabedoria britânica é saber tolher os que do mais terrivelmente excentricos e incômodos (o caso de Blake, de Shelley, de Byron, dos dois Coleridge, de Cowper, de T. I. Lawrence, de Joyce) e fazer deles quase uns deuses quando, moral ou politicamente, saudáveis: o caso de Milton, dos Browning, de Rupert Brooke, de Tennyson. Entretanto, toda a gente está farta de saber que o povo britânico é "essencialmente prático"; que o povo britânico

tem algumas das melhores virtudes espartanas sem soler dos piores vícios que estão a base do "complexo de Esparta"; que o povo britânico não precisa de receber lições de povo ucraniano em questões de organização nacional — a não ser das russas soviéticas quanto à democratização da economia e dos brâncos de hoje, mas de sempre, em assuntos de democracia étnica, ou antes, social. Um dia o marinheiro inglês, por exemplo, talvez se torne como o marinheiro transmutedo no poema de Deolindo:

... seu corpo é uma grande [lata onde encontrareis Picasso e Clérigo em tamagachis, ele já se banhou em mares jazuis, verdes, amarelos, azuis, e não é só irmão do primeiro homem mas todos os homens são seus irmãos.

(*O Jornal*, 18-9-1944)

**AINDA DEOLINDO**

Deolindo Tavares não parece ter sido ilusão só: seu único destino — o de poeta — que os "homens práticos" levavam no ridículo num Brasil ainda longe de ser, nas relações dos burgueses com os poetas, alguma Inglaterra:



Deolindo Tavares, nos 18 anos



Deolindo Tavares

"Nasci para seriar Poesia  
Sobre a raça dos homens  
[tristes"]

Entretanto, foi estudar Direito. Para ele uma tortura. Para os demais estudantes de Direito deveria ter sido uma festa: um poeta autêntico entre eles. Mas já vímos que para alguns não foi festa senão de sábado de Aleluia. Insultaram e vitimaram o maior poeta adolescente da sua geração como se ele fosse o Judas da Escola. O Senhor que os perdid: eles não sabem o que fizeram. O Senhor já deve ter perdido como Deolindo os perdiu: eles agiram por sugestão de mestres escritores que encunham que as Faculdades são hoje "templos" disto, "templos" daquela, mas na verdade lugares exclusivos de estudos profissionais e objetivos e de atividades anti-poéticas.

Outra vez me senti obrigado a falar da Inglaterra, cujas grandes universidades tradicionais em casos semelhantes ao de Deolindo na Faculdade de Direito do Recife abrem exceções às suas regras mais severas. Em casos como os de Deolindo, os Amazonas de lá, que ostentam nomes menos pomposos que o do Largo do Hospício e não têm sequer a audácia de tomar o nome do Tamisa em vão, humildemente se encolhem dentro de suas becas e dos seus capelos e admitem exceções às regras mais sagradas. Foi o que sucedeu com Hartley Coleridge, por se tornar litúrgico e academicamente de Oxford. Quando vieram os exames finais, sua situação era precária. Entretanto, os examinadores, de ordinário rigorosíssimos, tomaram em consideração o fato de se tratar não de um estudante qualquer, mas de um jovem poeta de sensibilidade e de talento já revelados, herdeiro do círculo de leitura do pai, o primoroso Coleridge, mas herdado também do seu talento poético, não hesitaram em fazer do segundo e admirável Coleridge, bacharel com todos as honras.

Afinal, são os Coleridges que fazem a glória das Oxford e não os examinadores sizidos, por mais necessários que sejam — e o são, com certeza — as instituições de ensino.

# ESTUDANTE DE DIREITO -

Castro Alves talvez não tenha sido superior a Bartley Coleridge em apreço aos livros acadêmicos. Mas não há dúvida de que a convivência do poeta baiano com o meio e a cultura jurídica do Recife foi proveitosa ao seu desenvolvimento consciente e lógico em abolicionista. Por outro lado, a presença de Castro Alves na Escola de Direito do Recife enriqueceu de modo extraordinário: o poeta adolescente ligou para sempre a Escola de juristas às inquietações sociais do país e à história da literatura brasileira.

No caso de Deolindo Tavares, não é um poeta-adorador à maneira exuberante e ruindosa de Castro Alves que vem ao nosso encontro; há nele um poeta quase sem voz. Um poeta com o pudor do barulho e com a mística da voz baixa e até do silêncio. Para ouvi-lo, nós é que precisamos de ir ao encontro dele. Nem por isto, Deolindo deixa de ser uma personalidade em que se exprimiram muitas das inquietações dos adolescentes do seu tempo; e não apenas uma individualidade fechada no seu individualismo.

Vivesse ele demorado mais que um simples primeiro ano na Faculdade de Direito do Recife e a velha Escola seria se enriquecido ao contacto de uma personalidade capaz de transbordar-se poeticamente nos próprios professores; nos mais prosaicos dentre eles. Sem a vitalidade magnética de Castro Alves, Deolindo foi talvez superior ao baiano em certa maneira, muito sua, de ser intenso e até concentrado sem ser esteticizado na sensibilidade; em certa maneira, também muito sua, de ser a um tempo pessoal e social. Os "esparranos" que gracejaram do seu "lirismo" teriam acrescentado novas zonas de fraternidade ao seu tentido execto de vida se tivessem conhecido melhor Deolindo. O Deolindo que espantado por uns, desdenhado por outros, torturado às vezes docilmente consciente de ser deusíni entre os homens. Não só deusíni, ridículo. Ridículo — imaginem — com suas vinte mãos queridas e suas vinte braços inquietos no meio de tantas mãos direitas, de tantos braços quietos. Ridículo — ilustrar-me-ele próprio.

"... minha figura ridícula desbunda no ar  
linhas geométricas descompostas e nervosas"

Mas não perdeu nunca a esperança de um mundo melhor em que "as lágrimas se transformem em sementes"; o destino dos seus próprios versos. Num poema dedicado à Sra. Adalgisa Nery é o que ele pede:

Silêncio para que o mundo  
[renasça]

"... Silêncio para que as lágrimas se cristalizem e se transformem em sementes".

E o que me parecem — di-



Outra fotografia do trecho pernambucano

go sem querer findar os rios de Deolindo Tavares, prelúdio rápido, com palavras carregadas de sentimento de efeito, no caso, sentimentos capazes de rehaventarem na vida dos moços

**Morreu Deolindo Tavares** BRENO ACIOLI  
O navio da morte nau- O corpo alto, magro, vegou Deolindo Tavares os olhos fundos de Deolindo para o porto dos poetas lindo Tavares estão atu- em solidão, navegando alente fazendo parte águas de tempestade e do seu climax poético de angústia.

Pareceu existir dentro da alma deste poeta morto, uma constante presença de inquietude, um desânimo de coisas e de fatos que o tornaram mais sensível e frágil para uma vida de poesia. E Deolindo Tavares começou a morrer com os incidentes cotidianos, começou a sentir tripulante do barco da morte, foi morrer longe de sua poesia e de suas estrelas, distante de si mesmo, porque o poeta não se pertence, pois sempre está junto de sua musa, escutando a música das lagoas e dos rios, as sinfonias estranhas, as berceuses acalentadoras, os boleiros misteriosos.

(Boletim da C.E.P. — Agosto, 1942 — Recife)

de sua geração — na vida das mais novas do que ele, dos que foram nascendo, dos que foram desaparecendo, dos que foram crescendo — num sentido mais vigoroso que o atual de fraternidade nas relações interpersonais e de reciprocidade nas relações sociais. Reciprocidade tolerante e até amiga das diferenças e das singularidades da personalidade, principalmente personalidade criadora.

Vachel Lindsay, vendo pela primeira vez a Califórnia, achou que nas suas terras as flores rebentavam do chão como bombas. Que se acalmavam os conservadores. Das semelhanças semeadas pelos poemas de Deolindo Tavares na sensibilidade dos brasileiros de vinte e de menos de vinte anos não vão rebentar decretos bombas. Mas ninguém confundiu esses poemas com bombas. Sua força interior é extraordinária. Sua serenidade é a de uma mensagem quase religiosa.

Ninguém será capaz de esmagá-los com o pé nem de abafá-los com pausas pictóricas. Nem de destruí-los com fogos.

Eles não morrerão como os "narcisos azuis" e as "rosas presas às hastes vertendo sangue" ... "dos cantos de minha amiga Mary Duncan", sob "as bombas incendiárias dos nazistas. Eles sobreviverão às bombas dos nazistas.



Deolindo Tavares, em clima

cano em meios mais infelizes do próprio Brasil.

## NOTÍCIA SOBRE DEOLINDO TAVARES

(Continuação da pág. 81)  
xe-nos o espólio literário do poeta. E, desde logo, lendo aqueles poemas, alguns dos quais encerram uma condensação tão profunda de poesia, a nossa idéia foi

dispor os quase cento e sessenta trabalhos em vários pequenos livros, nos quais ficassem as produções de Deolindo Tavares separadas por ordem geral de assuntos. Iriamos seguir esse plano, e assim publicaríamos a obra de Deolindo Tavares na íntegra, apresentando, em sucessivos números, cada um dos seus pequenos livros organizados conforme nosso critério. Sobre vieram, porém, motivos graves que nos induziram a mudar de orientação. E assim é que publicamos hoje, abrangendo mais da metade dos poemas de Deolindo Tavares, este suplemento, que a ele é dedicado. Fizemo-lo enriquecer — se a edição dos trabalhos

Creamos ser pensamento dos amigos de Deolindo Tavares fazer-se de numerosa documenta-

GILBERTO FREYRE

Eles resistiram aos dias horribéis que vamos acabando de atravessar.

(Continua na pág. 81)

# DEOLINDO TAVARES

Otávio de  
Freitas Junior

## DEOLINDO TAVARES E SUAS POESIAS

João Cabral de Melo Neto

C'est la mort qui console, he  
jasi et qui fait vivre;  
C'est le but de la vie, et  
c'est le seul espoir.

Baudelaire

Morreu um poeta. Para alguns isto é uma frase, para outros um desastre, mas para nós que conhecemos e amamos o Poeta em vida, é um Mistério. A Morte do Poeta é sempre um mistério. Inutilmente nos dão os detalhes, as notícias do Rio virão aos poucos, informando as causas, o que ele disse, onde morreu, seus últimos gestos, a hora certa o diagnóstico indiscutível, e até mesmo as probabilidades que ainda teve de salvar o seu corpo. Mas a Morte de Deolindo Tavares para nós será eternamente um dos mistérios embebidos de Poesia, que nada desvendará.

Devemos poupar ao Munhoz o lugar comum do elogio fúnebre. O elogio fúnebre cabe ao político, ao industrial, ao orador. Nuncada ao Poeta. A Morte é uma resolução, como diria Lord Sparkenbrooke, na vida dos Poetas. Le do Ivo, há um ano mais ou menos, definiu o Poeta, num poema belíssimo que a muita gente passou despercebido:

"Os poetas são os pianos do mundo.  
Só eles permanecem inalteráveis diante das mudanças de Deus".

## ALGUMAS FONTES SOBRE DEOLINDO TAVARES

— Breno Acioli — Morreu Deolindo Tavares — *In Boletim da C.E.P.* (Casa do Estudante de Pernambuco) — Agosto — 1942.

— Gilberto Freyre — Deolindo — *O Jornal* — 3-8-944.

— Gilberto Freyre — Ainda Deolindo — *O Jornal* — 5-8-944.

— Gilberto Lopes de Moraes — O poeta Deolindo Tavares — *In Boletim da C.E.P.* (Casa do Estudante de Pernambuco) — Agosto — 1942.

— João Cabral de Melo Neto — Deolindo Tavares e sua poesia —

*In Boletim da C.E.P.* (Casa do Estudante de Pernambuco) — Agosto — 1942.

— José Cesar Borba — *In O Jornal* — Maio — 1942

— Manoel Anselmo — 30º dia do falecimento de Deolindo Tavares. — A ideia da publicação do livro do jovem poeta pernambucano — *Diário de Pernambuco* — 6-8-942.

— Otávio de Freitas Junior — Deolindo Tavares — *In Boletim da C.E.P.* — (Casa do Estudante de Pernambuco) — Agosto — 1942.

— Otávio de Freitas Junior — Deolindo Tavares — *In Boletim da C.E.P.* — (Casa do Estudante de Pernambuco) — Agosto — 1942.

De propósito, quis que o título desta nota, que representa minha participação na homenagem que se está prestando aqui a um jovem poeta morto, contivesse sua principal intenção. O problema das relações de um poeta com sua obra tem, a meu ver, uma importância a que evito chamar transcendental, por um medo que me é próprio de certas palavras; mas a essas relações é-me grato sempre limitar, em minhas ocasionais notas sobre poetas, o que é possível a qualquer crítico alcançar de realmente substancial no aspecto literário de qualquer realização de fundo poético.

Não sei se a preocupação de escrever poesia era muito assídua em Deolindo Tavares. A esse respeito confesso mesmo minha dúvida. Sobre o que ela não existe é o fato de poucos dentro os jovens poetas atuais terem conseguido, tão plenamente quanto ele, transportar para a realidade de sua arte isso a que, por não me ocorrer melhor palavra, chamei sua presença cotidiana. Isto é: as preocupações, os sonhos, as alegrias (no caso de Deolindo Tavares, com

(Continua na pág. 85)

le ele não teria ciprestes em torno de seu túmulo. E o Poeta amava muito os ciprestes.

A Morte o colheu? Não, ele a procurou, ele a encontrou. Não com a inconsciência dos suicidas. Estes, apesar de tudo, são sempre colhidos pela morte. Mas com a Iluminação dos Poetas e dos Humildes. Porque finalmente Deolindo Tavares vira a paz.

"C'est le but de la vie, et  
c'est le seul espoir."

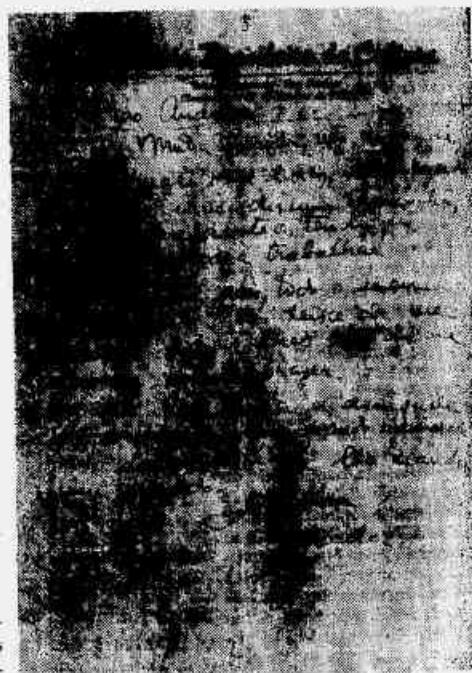
O Rio liga toda a sua esperança de alguns anos atrás. O poeta sofría, doía-lhe a alma numa constante tragédia interior. Experimentara então a fuga para o Rio. Mas veio a decepção e a amargura dos desiludidos e invadiu. Em certos momentos seus poemas desta época deixam transparecer um desespero tão intenso como poucos pode se encontrar. Pego ao acaso o "Poema ante o espelho":

"Não há luxo nas minhas faces,  
não há calma em meus gestos,  
não há força em meus movimentos,  
não há beleza nem serenidade".

(Conclui na pág. 85)



Deolindo Tavares em um desenho de União



Um autógrafo de Deolindo Tavares — "Paus-simpla" da revista de uma carta a sua prima, Gourdinha Tavares

## NOTÍCIA SOBRE DEOLINDO TAVARES

(Continua da pág. 85) ria como a apresentação completos do poeta. E', do admirável moço da pelo menos, o que pude quele doce e triste Deolindo concluir da frase lindo, que, em sua traz classifica o seu estudo mento, em sua davi como "um prefácio".

Venha, portanto, em sua poesia, de todas as coisas que o cercavam, foi do possível, a edição dos trabalhos poéticos de Deolindo Tavares. Entre os poetas mais altos quanto não aparece essa de sua terra pernambucana, entretanto, o nos- cana, e de sua terra bra- so número de hoje fica- sileita.



## DEOLINDO TAVARES E SUA POESIA

(Conclusão da pág. 91)

mais frequência, as tristezas) com que o poeta nos aparecia em vida, numa rima, num café.

Pode-se dizer desse poeta, com que mesmo os mais íntimos raramente se deparam, que ele foi um homem que não conseguiu nunca esconder-se. Havia sempre que contar com seus poemas, que vinham estabelecer, através da presença quase física do poeta, que nos transmitiam uma convivência que me leva a considerar falsa qualquer alusão ao recômendo que ele parece ter procurado nos seus últimos tempos no Recife. Daí o fato curioso que se dava sempre em nossas relações que, de certo, se há de ter repetido com outros de seus amigos: o fato de ele ter sido sempre para nós o amigo que deixáramos na véspera. Sensação estranha esta, que vejo agora voltar-me com uma nova intensidade, como a impedir que eu a seu atual desaparecimento o caráter que ele tem de irremediável.

N aquela proximidade que indique, entre o poeta e sua obra, está a explicação dos aspectos mais importantes a serem levados em conta numa caracterização de sua poesia, que, estou certo, não ficarão esquecidos. Eu por mim indico uma razão que em nada se distancia do ponto de vista de que me propus falar quanto ao poeta nesta nota. Refiro-me àquela preocupação pelo que dissesse respeito à formação do instrumento de sua poesia, à quase ausência de inquietação artística nesse rapaz que a recebeu e dela fez uso com a naturalidade com que já nos acostumamos a receber o sol e a noite. Naturalidade que, se por um lado o levaria a um desprêzo quase absoluto pela atividade de construir uma poesia (a sua poesia, seus poemas me parecendo antes, o que é outra coisa, essa presença da pessoa do poeta), por outro tornaria possível aquela identificação entre poeta que conhecemos (nenhum de seus amigos estará em dúvida sobre o ter conhecido realmente) e esses poemas que outros terão, aqui mesmo, evocado com mais infinita penetração (penso num Ledo Ivo, por exemplo, ou num Cláudio Tutiú Tavares, poetas de um parentesco intelectual muito chegado a ele, o qual há de facilitar a explicação de certas particularidades de seu espírito, que a outros apenas é dado verificar). Mas que para mim são o próprio poeta andando ao meu lado ou ao meu encontro; a mesma impressão que ele sempre me transmitiu, de ter a cabeça mergulhada nas nuvens.

(Boletim da C.E.P., Agosto, 942 — Recife)

# CIRCE - BAILADO EM

### Personagens simbólicas — Circe

Dárius
A Vaidade
A Alegria
O Bezouro
A Borboleta
O Colibri
O Canário

Corpo de baile — *As Artes, As Virtudes, Monjas, Espíritos do bosque* (faunos, duendes, silfides). Os peregrinos.

### CIRCE

#### 1º ATO — (No Convento)

O palco está mergulhado em sombra e o cenário é o de uma catedral, vendo-se no centro uma pesada porta que dá para um jardim. Formas cintzentas, de monjas, dançam um ritual sagrado. Dentro as silhuetas escuradas, uma veste de branco: é Circe, que deve deixar o convento e se despede das companheiras. Na dança simbólica estas despojam-na, aos poucos, das vestes de religiosa e descrevem-lhe em gestos lúgubres os sofrimentos que a esperam na vida, os perigos com que irá deparar, e contam-lhe sobre o vale de lágrimas que é o mundo. Procuram retê-la. A música é religiosa e grave, por vezes repassada de angústia e de sofrimento. A jovem dança a despedida, e, liberta da sua indumentária de monja, transpõe a porta do claustro, que se fecha pesadamente sobre ela. Circe encontra-se só, diante de uma estrada que se prolonga a perder de vista. O palco é lentamente iluminado, e a Alegria, representada por uma bailarina vestida com uma roupa cintilante, se une a Circe. Acenando para a sua corte, composta de figuras coloridas, representando as Artes e as Virtudes, faz-las dançar a alegria da vida, para que a jovem tome delas conhecimento. A Poesia, a Música, as Artes dançam em lindos trajes. Depois a Fé, a Esperança, o Amor, a Bondade executam bailados, interpretando as belezas que a cercam. A orquestra toca uma música alegre, suave e colorida. Surge a Vaidade entrando pelo outro lado do palco; dirige-se igualmente para Circe, apresentando-lhe a sua corte, cujas bailarinas representam as riquezas e luxos que enfeitam a vida. Dançam, adornando a jovem com jóias e pedrarias, véus diáfanos e grinaldas de flores. Circe, seduzida por tantas belezas, executa um alegre bailado com as suas novas companheiras. Dárius aparece. É o génio da luz, e com a jovem dança, amorosamente. Conta-lhe então que é necessário que ela encontre o "Querube", que canta como um pássaro e cuja voz lhe fará conhecer a suprema Felicidade. Desaparece Circe, acompanhada da Alegria e da Vaidade, seguidas de sua corte. Dirige-se para a estrada da vida, em busca do sublime cantor.

Fim do 1º ato

#### 2º Ato (no Bosque)

O bosque é iluminado por uma luz que se esconde por entre a ramaria de árvores copadas e altas. Uma estrada corta o cenário e se prolonga até o cao afilhamente. Nota o vale e percebe que flanco de uma montanha, cujo topo está para ele é de lágrimas, com as monjas o haviam deixado das nuvens e que se vê ao longe, rodeada cristo, e ouve o canto triste dos peregrinos que só-névoas. Pássaros e borboletas povoam o bosque até ela. Medita então que talvez houvesse an-

que, e figuras de faunos, duendes e silfides aparecem e se escondem rapidamente. Entra Circe, acompanhada da Alegria e da Vaidade, seguidas pelas companheiras. A jovem dança ora com uma, ora com outra. Por vezes, todas em conjunto executam uma bailado alegre, que traduz a volúpia da vida. A música deve traduzir estes sentimentos e descrever o ambiente, que é o de uma alvorada no bosque. Deve ser leve, matinal, alegre, cheia dos diferentes ruidos que animam a natureza: cantos de pássaros, pipilar de aves, o rumor das pégadas dos animais nas folhas, o borbulhar cristalino de um regato próximo. Circe, não conhecendo o "Querube", procura-o entre os seres alados que a cercam. Deslumbrada pelas cintilações que descreve num escuro bezoar, que tranquilamente sorve o mel das flores, com ele dança um bailado, em que demonstra a alegria que sente por haver encontrado a prometida felicidade. Não lhe ouve a voz, porém e nota então o seu engano. Deixa-o, e vai em busca de uma linda borboleta azul, que por ela passa esvoaçando. Encantada, a moça vai aprisioná-la, porém, ela lhe foge das mãos e desaparece entre as árvores. A jovem vai ao seu encalço, quando um colibri de cores irizantes confundindo-a com as flores, vem beijá-la nas faces. Circe, acreditando que fôra beijada pelo "Querube", trata de prendê-lo. Ouve então um canto bellissimo; e, embevecida, procura o cantor maravilhoso. Descobre-o sobre um ramo. É o canário das selvas que a deslumbra com a sonoridade dos seus gorgoros. Circe quer prendê-lo, mas o alado cantor desaparece voando. A jovem dirige-se para o flanco da montanha, acompanhada sempre das suas companheiras, e inicia a ascensão em busca da Felicidade.

No do 2º Ato

#### 3º Ato (na Montanha)

O cenário representa uma vertente de elevada montanha. Vê-se de um lado uma estrada iluminada que conduz ao topo, e do outro, parte de profundo vale mergulhado na sombra. Seres trajando roupas justas, da côte da terra, e envolvidos em mantos negros, conduzem archotes e procuram escalar a montanha. Uns se prostram em adoração diante dela, outros suplicam à montanha que lhes mitigue os males, outros ainda deitam-se à sua sombra. Alguns executam um bailado, interpretando as suas orações. A música, que toca em surdina, descrevendo a cena, ora é dolorosa, ora soturna como um lamento. Para o bailado dos peregrinos, ela torna-se, porém, mais religiosa. É a prece que sobreimpregnada de esperança e de fé, para a montanha inacessível. Circe, apoiada na Alegria e rodeada pelas outras figuras que compõem a sua corte, vai subindo-a dificilmente. A vaidade segue-a, cheia de fadiga e quase abandonada pelas suas companheiras, que aos poucos se vão deixando ficar pelo caminho. Elas se arrastam num supremo esforço e caem por terra para não mais se erguer. A própria Vaidade se deixa vencer e fica estendida na estrada. A música descreve a difícil escalada de Circe, tornando-se mais leve e mais clara à medida que as vaidades a vão abandonando, e, intensa e colorida no momento em que a jovem atinge o topo. Circe dança o êxtase da libertação junto com a Alegria e sua corte, encantadas com a magnificência do panorama que des- cortinam. No seu deslumbramento lembra-se do "Querube" que deve ser encontrado, e busca-o afilhamente. Nota o vale e percebe que flanco de uma montanha, cujo topo está para ele é de lágrimas, com as monjas o haviam deixado das nuvens. Pássaros e borboletas povoam o bosque até ela. Medita então que talvez houvesse an-

# QUATRO ATOS-

Maria de Lourdes Leão  
(Desenho da autora)



CIRCE

dado por caminhos desviados, onde não existe o grimas, de inaudita felicidade, inundam-lhe as pássaro da felicidade. E, vendo-se com as mãos faces, e no seu êxtase toma Circe posse do "Querazias, resolve ir procurá-lo no vale, dirigindo-se rube", cuja voz só é ouvida depois de todas as renúncias. O palco está feéricamente iluminado, confundindo-se todo o cenário em jorros de luzes coloridas, deixando nítida, sómente, a figura de Circe em êxtase. A música se une um côro de vozes angélicas, que se confunde com os instrumentos, e que se torna cada vez mais intensa e cada vez mais pura, enchendo todo o vale, crescendo para a montanha e para além dos céus.

Fim do 3º Ata

4º Ato (no Vale)

A vertente termina num vale escuro, onde os peregrinos tentam a escalada da montanha. A música é novamente soturna e triste repassada, de gritos e de súplicas. Surge Circe, vestida com simplicidade, acompanhada da Alegria e a sua corte. Todas estão tristes e assustadas. Circe, à medida que desce, colhe as florezinhas rousas que crescem na encosta abrupta, e procura consolar os peregrinos, que a ela se dirigem, esmolando. Enxuga-lhes as lágrimas e faz a Alegria, as Artes, as Virtudes dançarem, para que os peregrinos se alegram. Vai deixando-as pelo caminho com uns e com outros. Ao chegar ao vale, despede-se igualmente da Alegria, a sua inseparável companheira, e com ela dança o bailado da suprema renúncia. A música se torna então intensa e lancinante. Nela predominam os sons agudos dos metais. Circe prossegue, sózinha. Está infinitamente triste e despojada de todos os atrativos. Suas faces tornaram-se pálidas e macilentes, como as das santas talhadas em marfim, e os seus olhos, antes cintilantes, por haverem contemplado as estrelas, estão turvos de lágrimas. De subito, Circe ouve um canto idealmente belo, que parte do fundo do vale. Os peregrinos não podem ouvi-lo, porque o ruído das lamentações e os gritos atordoantes das súplicas os sufoca. Circe comprehende que também a Alegria e suas brilhantes companheiras não lhe deixavam perceber o canto maravilhoso, que não cessa nunca de fazer ouvir, em qualquer parte e no universo inteiro. Cai de joelhos, deslumbrada. Lá-

## NOTA A ESTE SUPLEMENTO

Circunstâncias alheias à nossa vontade obriram-nos a alterar o ritmo dos nossos suplementos. Estávamos, neste oitavo volume, realizando uma série de estudos acerca dos vultos mais representativos da filologia brasileira. Já incluímos, em suas páginas, Moraes e Silva, Carneiro Ribeiro, Rui Barbosa, Pacheco Junior e Heráclito Graça. O número de hoje deveria ser dedicado a Sotero dos Reis, e a este haveriam de seguir-se números dedicados a Teodoro Sampaio, Mario Barreto, Ramiz Galvão, Silva Ramos, Julio Ribeiro, Macedo Soares, João Ribeiro e Laudelino Freire.

O número que hoje publicamos, encerrando em poemas de Deolindo Tavares, corresponde, em nossa publicação normal a toda uma série de fascículos.

Esperamos poder regressar à série dos filólogos, completando um trabalho que consideramos de tanta utilidade, trabalho que no momento não nos é dado levar a término.

## DEOLINDO TAVARES

(Conclusão da pág. 94)

em nenhum de meus membros sombras misteriosas adensam minha vista. Tudo está oculto para mim. Represento a comédia e o drama que escreveram para mim.

Não culpo ninguém. Não [amaldiço quem escreveu minha história em dia de tempestade. Desejaria ser lirio; vejo-me [lotus.]

E' uma imagem ficará para sempre gravada nas minhas retinas. Foi no consultório de Jorge de Lima, onde Deolindo Tavares encontrava um amigo e um Poeta. Deolindo Tavares debruçado na janela do décimo primeiro andar do edifício, olhava angustiado o movimento de automóveis da Avenida, junto ao famoso telescópio que Jorge de Lima possuía. Deolindo não resistiu muito tempo à angústia que o prendia e transfigurava, e então chorou.

Com poucos amigos convivia, a poucos procurava, e sempre hesitante, sempre temeroso. Famos à sua casa em Boa Viagem, ele nos mostrava novos poemas, fotomontagens, vivia em Poesia. Francisco Lauria, Breno Acioli, Lédo Ivo, Newton Sucupira, Gonçalves Pereira, e eu éramos uns únicos que viam Deolindo Tavares, no Recife. Encerrado em casa, ou vagando à noite pela praia, Deolindo procurava uma Paz definitiva, que só a Morte lhe completou.

Depois desta fase, poucas vezes o vi. Outros caminhos tomávamos, e poucos dias antes de seu embarque o encontrei. Foi a última vez.

FIM

Otávio de Freitas Junior

Sempre o verei nesta posição, olhando o Rio que o atraía e decepcionava, lá grimas lhe escorrendo do rosto emagrecido pelo sofrimento constante. Era ali, naquela mesma cidade, que mal reveria, que três anos depois o Poeta iria morrer. Não sei se naquele momento o Poeta poderia morrer. A Morte então o teria surpreendido. Mas hoje, a Morte foi para ele um encantamento.

O Poeta voltou do Rio, com a alma mais ferida e sangrando, do que quando para lá fôra. Teve então uma ambição: desaparecer para os conhecidos e amigos, tornar-se um desconhecido. Desprezou por completo qualquer sucesso literário, afastou-se de tudo que o pudesse tornar conhecido como grande poeta que era. Com poucos amigos convivia, a poucos procurava, e sempre hesitante, sempre temeroso. Famos à sua casa em Boa Viagem, ele nos mostrava novos poemas, fotomontagens, vivia em Poesia. Francisco Lauria, Breno Acioli, Lédo Ivo, Newton Sucupira, Gonçalves Pereira, e eu éramos uns únicos que viam Deolindo Tavares, no Recife. Encerrado em casa, ou vagando à noite pela praia, Deolindo procurava uma Paz definitiva, que só a Morte lhe completou.

Depois desta fase, poucas vezes o vi. Outros caminhos tomávamos, e poucos dias antes de seu embarque o encontrei. Foi a última vez.

Seus poemas estão ai, alguns publicados em jornais e revistas, a maioria porém, inédita. Deixou também fotomontagens, algumas de uma rara beleza. Tinha um livro de poemas, que um dia pretendera publicar. Não sei onde estão os seus papéis, os seus objetos queridos. Nós que fomos seus amigos em vida temos ainda um dever a cumprir: não deixar que a obra de um Poeta como Deolindo se esfacelte com a sua Morte. Seus poemas e suas fotomontagens deverão ser editados, de qualquer maneira. Outros poetas o amarão, e seu nome não desaparecerá no esquecimento.

(Boletim da C.E.P. — Recife) — Agosto, 942 — Recife).

# Uma escola para a arte moderna

RAUL DE  
SÃO VITOR



Iberê Camargo — "Figura"

Ocupa hoje a nossa não encontra em nosso página Iberê Camargo, pais os meios de que ne- que pode representar, cessita para desenvol- entre nós, a nova gera- ver as suas aptidões e cão de artistas, forma- realizar a sua obra de contrar o mestre quali- da já sob uma concep- arte. Como se desenvol- ficado e arrebatou-nos ção de arte criadora e verem êstes jovens, se Guignard, que um ano fvre o que no entanto não existe, na Capital depois de inaugurado o

da República, uma esco- la suficientemente ap- relhada para tal fim? O material artístico é ca- ríssimo, portanto inac- cessível a grande maio- ria dos artistas. Como poderão elas manter ateliers e pagar modelos para o estudo do dese- nho e da pintura e onde conseguirão os profes- sores que lhes ministrem o conhecimento técnico e teórico de que ne- cessitam? Por certo não nos faltam mestres ta- lentosos. Quando o pre- feito de Belo Horizonte compreendeu o que se- ria para o Estado de Minas uma realiza-ção social como a criação de um Instituto de Be- las Artes, e quando quis



Iberê Camargo — "Egípcio"

seu curso, já nos apre- sua palavra, despertan- sentou a esplêndida co- do, orientando e condu- letânea de trabalhos zindo talentos para o dos seus alunos, expos- prestígio e glória do ta no Instituto dos Ar- Brasil!

quitetos do Brasil. Aqui Falta aos artistas mo- temos Portinari e Santa dernos a sua escola, o Rosa, Honório Peça- seu museu, a sua bibli- nha, o casal Campoi-oteca. Falta-lhes prin- rito, Teruz, Adami, Si- palmente, o ambiente gaud e Goeldi e tantos propício ao debate e outros ainda, que fa- explanação de idéias, o rião por certo um óti- meio acessível e com- mo conjunto para a ori- preensivo aos pioneiros- entação dos artistas que da criação artística, li- desejam aperfeiçoar e vre e múltipla nas suas desenvolver com cultu- manifestações.

Neste momento, em que se fala em constitu- cionalizar o país, em telectual dos alunos, que nos encaminha- quantos mestres surgi- mos para novos ru- riam, e como um Ma- mos políticos e so- noel Bandeira, um An- ciais, justo é que aqui hal Machado, um Celso deixemos registrada es- Keli, um Campoirito, ta enorme lacuna que um Sergio Millet ou um entre nós existe e Santa Rosa, não encon- que é necessário ser trariam o verdadeiro preenchida sem demo- campo para desenvol- ra se desejamos sal- ver aquela vocação de vaguardar o patrimônio mestres e de orientado- de arte do Brasil, e se res, que os conduz cons- desejamos ver a nossa tantamente às colunas terra colocada entre as dos jornais. E quão nações cultas do mundo mais útil seria, então, a hodierno



N. XX — Iberê Camargo — Paisagem

*Iberê Camargo*  
*Iberê*

Iberê Camargo — autógrafo

# AS RESPOSTAS DE IBERE CAMARGO A MORTE DE AMELIA DE OLIVEIRA

Passamos a transcrever a série de questões que lhe foram enviadas e cujas respostas publicamos, acompanhadas do auto-retrato do artista, da reprodução de três de seus desenhos e do "fac-símile" de suas assinaturas.

— Como encara a sua própria pintura dentro do movimento moderno, e qual o ponto de vista em que se coloca com referência à sua arte?

— Quais as suas principais experiências e realizações?

— Quando estreou em público?

— Quais as premiações que obteve, os principais encargos artísticos que realizou?

— Quais são hoje as suas aspirações?

— Existe, na sua opinião, diferença entre "arte acadêmica" e "arte moderna"?

— Crê que haverá conveniência em que seja criado, no Brasil, um Museu de Arte Moderna?

— Qual deve ser o critério de seleção e de classificação dos trabalhos, no caso de um estudo geral da arte moderna brasileira?

—

Assim respondemos o jovem artista brasileiro:

— Como encara a sua própria pintura dentro do movimento moderno e como se coloca com referência à sua arte?

— Sirvo-me da pintura para expressar os meus sentimentos, porém, com os pés bem plantados na terra. Tenho sempre presente que o quadro vale unicamente pelo seu valor plástico.

\* \* \*

O pintor assentou-se a uma peça sólida dentro da engrenagem social. E' como uma árvore, sem raízes. Muitos pintores são aqueles que, fora de uma cadeira universitária, conseguem ser apenas pintores. Geralmente vivem de dupla maneira, num misto de funcionalismo e de arte. Ora, é compreensível que tal situação não lhes permita alcançar a plenitude, porque a sua força está dividida. Não conseguem ser grandes nem em uma nem em outra atividade. O prejuízo é, neste modo, fatal, se acentuarmos no interesse de conjunto. A arte só se revela a quem se dá sem restrições. Quanto aqueles que funcionam como catedráticos, jingudos a um sistema baratinho inadequado, não estão menos afastados do perigo da estagnação. Comunemente a tarefa do ensino os absorve, esquecem a sua condição primordial de artistas que têm uma obra individual a realizar. Não lhes é dado lembrar que o seu trabalho continuado redundaria em benefício dos seus alunos, porque quem avança desbarata, desvenda, e muitos têm a escola, segundo injunções de dar. Valeria a pena buscar a meio ambiente e circumstâncias fonte de sua manutenção no clima. Finalmente com o Grupo de comercio da sua obra? Não. Guignard

Todos nós sabemos, artistas ou leigos, que, com raríssimas exceções, o mercado é escasso e para muitos, momentaneamente para os modernos, é nulo. Só lhes resta uma porta assim estreita: o desenho comercial, a ilustração. Mas ai, quando não se explora a validade do artista, aceitando a sua colaboração desinteressada, dás-lhe uma remuneração quase sempre miserável. E ainda, ferindo a sua consciência de artista, impõe-lhe restrições, tolhendo-o na sua liberdade de expressão. E preciso agradar... Depois, quando o tempo e a pertinacia dêles vencem e todos os obstáculos, os editores, sem luta, sem suor, apresentam a obra em belíssimos e caríssimos álbuns. Mas para o artista já é muito tarde...

Onde está a solução? Veja na reunião da pintura, escultura e arquitetura. Elas precisam andar juntas, casar-se atraíram e se completaram. Retorne à pintura mural. Mas onde poderemos apanhá-la? Se buscarmos um livro em nosso idioma que trate da sua técnica, não o encontraremos. O mesmo acontece com a xilogravura, a litogravura, etc. Estamos mirados. Entram-nos possuímos valores que inexplicavelmente se quedam à margem do círculo, verdadeira sabotagem aos moços, aqueles que realmente desejam saber. Antes da arte, o ofício, se é que podemos se chamá-lo. Precisamos, antes de mais nada, da formação e, depois, da oportunidade. Basta de luminárias e decorativismos. A desagregação do artista faz-se sentir em toda a linha. Citarrei um exemplo, quando pretendo ele conseguir um lugar para trabalhar trecho-a-trécho, a improvisação de uma sala em ateliê, sempre o desapacha, frisando que a casa é de família... E onde esta observação é desnecessária, a sua bolsa não alcança!

Certo que cuidar da questão será mais útil, mais proveitoso e mais humano do que nos atinjamos de literatura. Estou certo que aos moços não falta talento, honestidade e espírito de sacrificio. Faltam-lhes os meios de aprender e a oportunidade de aplicar o aprendido.

Não pretendo dar às milhares observações um caráter de crítica unilateral, quer apenas chamar a atenção para este problema esquecido e que exige uma solução. Confio na compreensão e lealdade de todos, sem exceção.

—

— Quais as suas principais experiências e realizações?

— Se a vida artística tem a posição do juiz é sempre perigosa. Prefiro ver passar a todos, que a posterioridade nos julgue. Ai o julgamento terá que ser honesto, porque independe de amizades e simpatias... Quanto à classificação dos trabalhos, creio que se deverá fazer segundo a sua categoria.

Realizações? não. Esforços, horas, eis tudo!

—

— Quando estreou em público?

— Na Salão Nacional de 1945.

— Quais as premiações que obteve e os principais encargos artísticos que realizou?

— Obteve menção honrosa no Salão Nacional de 1943 e medalha de bronze no Salão de 1944. Nunca obteve encargos de espécie alguma.

—

— Quais são hoje as suas aspirações?

— Todos nós sabemos que, no Brasil, os artistas são obrigados à uma luta constante, para se conservarem, apenas, como artistas. Isso, porque o nosso público, no sentido da pintura, ainda não apreende bem o seu objetivo, a sua significação. O que aspiro, somente, é viver, viver a minha vida, com os percalços e desengonços, mas viver, sendo sempre, o que agora sou: um pintor.

—

— Existe na sua opinião diferença entre arte acadêmica e arte moderna?

— Vejo na arte moderna a expressão dolorosa dos nossos dias, simo nela todas as nossas inquietações e ansiosas. Quanto à outra, fala uma língua que eu não entendo. Talvez seja uma língua já morta... Arte é para mim toda a expressão que vem diretamente da vida, sem intermediários nem fórmulas "a priori", resultado de impressões que o artista ve com os seus próprios olhos e sente com o próprio coração. E ainda será a vida quem dará às obras o denominador comum. O resto, simplesmente, não é arte...

—

— Qual haverá conveniência de ser criado, no Brasil, um museu de Arte Moderna?

— Sim, encaro a criação de um museu de Arte Moderna no nosso país, como necessidade imprescindível. Será, sem dúvida, o meio mais eficiente de estabelecer um contato permanente entre o artista e o público, advindo daí uma maior compreensão. Convém ainda lembrar que com a existência de um museu de arte moderna será criado o patrimônio para as gerações futuras, patrimônio esse, que não pode, de forma alguma, ser negado aos artistas e aos homens de amanhã.

—

— Qual deve ser o critério de seleção e de classificação dos trabalhos no caso de um estudo geral de Arte Moderna Brasileira?

— Creio que em questão de arte a posição do juiz é sempre perigosa. Prefiro ver passar a todos, que a posterioridade nos julgue. Ai o julgamento terá que ser honesto, porque independe de amizades e simpatias... Quanto à classificação dos trabalhos, creio que se deverá fazer segundo a sua categoria.

A tarde da última segunda-feira, sobrava a poesia do "Tubarão", escrita por Iberê Camargo, que duvidava passar duas e seis horas. Muitas suas folhas foram jogadas em casa dos Oliveira.

D. Ana, mãe de Iberê, embora muito enferma, não viu seu filho sair. Por que?

Porque tinha horror ao nome de Bila, que significa grande poeta do "Parába".

A poesia foi, em sua maioria, escrita por Olavo Bilac. Rampeu o novo, e nem ele nem ele jamais se casaram.

Dos 17 irmãos que constituem a família Mariano de Oliveira vestiam hoje apenas quatro: Alfredo Mariano de Oliveira, apelidado de Bila, biblioteca Nacional, D. Adélia Miranda, D. Mariana Moraes Pinto e D. Alcira Mariano de Oliveira.

O falecimento de Amelia de Oliveira ocorreu à rua de S. Clemente, onde ela morava. O corpo, porém, foi conduzido para a Matriz da Glória, no largo da Machado, guarda no altar a túnica

Tiveram, porém, o depoimento de Bernardo de Oliveira, que nos assegurou que naquele tempo Bila era um rapaz de costumes modelares.

O céu e que um dia D. Ana chorou à parte Bernardo, e o encarregou da mais difícil missão: a de levar chegar às mãos de Olavo Bilac toda a correspondência que ele enviava a Iberê. Com o coração dilacerado, Bernardo cumpriu a determinação materna. E desde esse dia ele e Bila não se falaram mais.

O poeta de "Juana Ferreira"

guardou na aliança a túnica

Amelia de Oliveira, em companhia de Olavo Bilac — a noiva e a irmã do grande poeta de "Tubarão".

Dali, às 14 horas de terça-feira, amargurada daquela sonha de ir, foi transportada para o amor, tão cedo dissipado. E Cais Phœnix, onde a recebeu sua alma refletiu, em matiz de lanche especial, que o passagem, a sinal de seu destino idílio.

D. Amilia também guarda na túnica do almoço a calça de Marial, na capital fluminense.

Amelia de Oliveira sempre teve umextrême pudor dos seus versos.

Como dissemos acima, na ocasião dela fomos a noite de Engenho-Balaio, e lá, no bairro da Engenho-Balaio, onde então morava a fadista, é este sotaço, que Amilia Oliveira.

Bilac, grande amigo de Alcira, também guardou na túnica do almoço a calça de Marial, na capital fluminense.

Quando a hora final da Ave Maria Deixa o eco voar espaço em falso; Nesse momento em que a melancolia Mais na terra se estende e se demora

Quando a sombra da noite que apaga Encontra o sol, escurecendo o dia;

Quando não temos mais da última aurora A doce luz, embora fugidia;

Quando as trevas mais negras vão crescendo E cobrem toda a natureza; quando Repousa e dorme tudo em paz — gemidas

Ouvem-se, o espaço inteiro percorrendo... E que tristes, no mundo, soluçando,

Vagariam muitos corações perdidos... (Conclui na pag. 100)



## NOTA

Quando a hora final da Ave Maria Deixa o eco voar espaço em falso; Nesse momento em que a melancolia Mais na terra se estende e se demora

Quando a sombra da noite que apaga Encontra o sol, escurecendo o dia;

Quando não temos mais da última aurora A doce luz, embora fugidia;

Quando as trevas mais negras vão crescendo E cobrem toda a natureza; quando Repousa e dorme tudo em paz — gemidas

Ouvem-se, o espaço inteiro percorrendo... E que tristes, no mundo, soluçando,

Vagariam muitos corações perdidos... (Conclui na pag. 100)

## A PRAIA BRANCA DE OLINDA - MUCIO LEÃO

Silvia Leão, minha emendeixa comovidas nheced prima, estréia-se agora as mulheres que amou tões intem com um romance escrito — e as amou em numéricas to em inglês — *White* ro abundante. Como Brasil.

*Shore of Olinda.* E é de poeta, da mesma forma  
Richmond, na Virginia, que como pensador po-  
que me envia um exem-  
plar de sua comovida,  
formosa novela.  
Silva  
cife, n  
depois  
to de  
tico

A autora de *Prateleira de Olinda* nasceu em Pernambuco, e é filha de Carlos Carneiro Leão, irmão de meu pai. Carlos Leão era um homem em tudo excepcional, ou pelo menos foi essa a impressão que deixou em meu espírito de criança, única fase da vida em que tive mais íntimo contato com ele. Ainda, no começo da vida, com o projeto de se tornar escultor. Tive consegui reunir alguns legados dos seus mais expressivos trabalhos, e os publiquei em um número passado deste suplemento. O leitor, se acaso passou a vista pelas poesias dele, terá visto que Carlos Leão era um herdeiro da música de a trágica Gonçalves Dias, de Cacio, de Simirio de Abreu e de aqui, Castro Alves. E amava para as suas Elviras, as suas donas, Marias e as suas Alices, recreando ardente de um autêntico romantismo... \*

Silvia Leão herdou  
princípios e sentimentos de seu pai aquele ardente amor à cultura, que Depois de sua morte, foi o mais belo apanágio do espírito do poeta pernambucano. E essa extrema virtude, que a escritora possui, é a mesma que os cardeais possuem os seus irmãos, dados todos ao rico trabalho do pensamento, como Antonio Carneiro Leão, ultimamente eleito para a Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Ihering. Clovis Beviláqua, como viajante, Alberto Leão, hoje professor em Washington, longe como Josias Leão, secretário da Embaixada acreditária do Brasil em Londres, surpreendendo que é certamente um dos mais profundos coredos.

## A MORTE DE AMELIA DE OLIVEIRA

(Conclusão da pág. 97)

Dessa mesma época, em de 19 de Outubro publicou-se no  
data pouco posterior, o *Almanaque Popular Brasileiro*,  
em cuja capa consta que Ame-  
ro de 1901.

#### **NATIVE**

*Noite e luar nos céus da janela.  
"Noite" e bem tarde já! Angustiada  
Ela tenta studar a alma canada,  
Guarcando o vio fugitivo dela.*

*Quase fom um rumor, o ouvido dela  
Atenta. "Certamente na calada  
Vem alguém". E sonri, alvorocada.  
Mas logo em pranto o seu olhar se estreia.*

Ninguém!... Como é cruel o isolamento.  
Ninguém!... Sómente a memória tua  
A cercar-te o azul do firmamento!

*E muda e triste, ali, ela, somente  
Ollando no longa da isolada ruta  
Medita e chega dolorosamente.*

lores das questões internacionais, políticas e económicas do poder, nos dias de folga, fazer música e pesca.

esteja com a existência e o gênio americano, um tipo novo de vida. Vejo que Praia branca de Olinda tem sido já comparada ao romance de Pearl Buck, *The good Earth*, que tão formidável êxito logrou nas livrarias, que tão extraordinária popularidade alcançou transportado para o cinema. Pelas qualidades dramáticas e intensas que possui, pela paisagem nova que revela, por essa espécie

para o Rio, e começou a trabalhar no comércio. Pouco demorou dizer de sofrimento aqui, e em breve partiu para os Estados Unidos, em uma viagem de recreio. Não quis mais regressar ao Brasil, porém, por ter encontrado nos Estados Unidos ambiente incomparavelmente melhor para os seus trabalhos. Fez-se, a princípio, dacilógrafa terra. Essa história é uma história de amor, que achamos a paisagem quente, a ensolarada paisagem de Olinda, movendo-se dentro das dores, os jangadeiros, as rendeiras, toda aquela gente humilde, ressignificando a terra.

em casas comerciais. Depois deixou essa atividade, e fundou em Richmond uma escola de extrema utilidade para os americanos do norte, nos quais são ensinadas coisas referentes à América do Sul, e para os americanos do sul, aos quais são ensinadas coisas referentes à América do Norte.

O livro fala aos americanos do norte de uma terra que lhes é desconhecida, de uma gente que elas jamais viraram a cara, por mais identificada que Silvia Léon

Nos intervalos que lhe deixa a escola, ela viaja. Percorreu quase toda a Europa, esteve longamente no Canadá e em Cuba. O que mais a encanta, porém, é possuir um jardim, que ela própria cultiva nos terrenos de sua escola, e

*José Peretti* — *Bárbaro* — outros ensaios críticos — 153 páginas — Crônicas do Gral. do Jornal do Comércio — Recife — 1944

*Rossine Camargo Guarani* — *"A Voz do Grande Rio"* — Poemas — 10 páginas — Editora Brasileira Lida — São Paulo — 1944

**João Peretti** — "Barile : outros (ensaio críticos)" — 153 páginas — Ol. Gráf do Jornal do Co-

*Rossine Camargo Guarnieri* — "A Voz do Grande Surípedes Silva. — "Arra-  
mercio — Recife — 1941. nha-Céus" — "Versos iné-  
— "A Voz do Grande ditos de um poeta pobre"  
72 páginas — 1944.

Rio" — Poemas — 131 páginas — Editora Brasi- Martins de Oliveira (da liense Ltda — São Pau- Academia Mineira de Le- lo — 1944. trás) — "Quinta Carta

*Lourdes Bacelar* — "Na Sombra e no Silêncio" 109 páginas — Imprensa Vitória — Bahia — 1944.

Sérgio Buarque de Holanda  
— "Cobra de Vidro" —  
121 páginas — Livraria  
Martins Editora — 1944

*Paulo Franklin* — "Céu dos Mistros" (Versos) — Capa e desenhos de Carito — 72 páginas — Companhia Brasileira de Artes Gráficas — Rio — 1943.

*Silvio da Cunha* — "Memória da passagem do Anjo" — Com um prefácio de Carlos Drummond de Andrade — Rio — 1944.

*Pereira Reis Junior* —  
"Canções do Infinito" —  
"Poemas" — 103 páginas  
— Rio de Janeiro — 1943  
— Nesta edição estão  
transcritos vários juízos  
de vários escritores e crí-  
ticos sobre o poeta.

*Martins de Oliveira* (da  
Academia Mineira de Le-  
tras) — "Quinta Carta  
Academia Brasileira de  
Letras" — Ofcs. Gráfs.  
S. José — Coimbra —  
— Minas — 1944

Stanislaw Brobski (professor de Economia Política)

na Universidade de Lwów — Presidente do Conselho Nacional Polonês em Londres) — "A fronteira Polono-Soviética" — 48 páginas — Tiragem para uso privado — Londres.

*Academia Paulista de Letras*  
"Recepção do senhor Antônio  
Belchior Leite" (Discurso  
deste e do sr. Soares de  
Melo) — 86 págs. — Grá-  
fica Paulista — São Paulo.  
— 1944.

*- Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil — N.º 5 — Semestre de 1944 — 1 págs. Ministério da Guerra — Rio*